Revista da Casa de Goa

II Série - Número 1 - Maio/Dezembro 2019

Percival de Noronha
(1921 - 2019)

Ficha Técnica

Diretora
Ana Paula Guerra

Conselho Editorial
José Filipe Monteiro
Valentino Viegas
Luis Pereira da Silva

Colaboradores Residentes
Lisboa: Francisco da Purificação Monteiro
Goa: Óscar de Noronha

Colaboram neste número
Celina Almeida
Daniel Gouveia
Francisco da Purificação Monteiro
Henrique Machado Jorge
José Filipe Monteiro
José Venâncio Machado
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Rui Cabral Telo
Valentino Viegas

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação
Juliano M. Mariano

Secretariado
Juliano M. Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt
www.casadegoa.org

@ Direitos de propriedade reservados à Casa de Goa
Sucede aos números anteriores de Revista da Casa de Goa, Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, Newsletter e DEKH, publicados entre 1989 e 2019..

Technical Datasheet

Director
Ana Paula Guerra

Editorial Board
José Filipe Monteiro
Valentino Viegas
Luis Pereira da Silva

Resident Collaborators
Lisbon: Francisco da Purificação Monteiro
Goa: Óscar de Noronha

Collaborators in this issue
Celina Almeida
Daniel Gouveia
Francisco da Purificação Monteiro
Henrique Machado Jorge
José Filipe Monteiro
José Venâncio Machado
Mário Viegas
Óscar de Noronha
Rui Cabral Telo
Valentino Viegas

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Diagramming
Juliano M. Mariano

Secretariat
Juliano M. Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt
www.casadegoa.org

@ Copyright, Casa de Goa
This publication follows previous issues of Casa de Goa Magazine, Casa de Goa Bulletin, Newsletter, Newsletter and DEKH, published between 1989 and 2019.

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1.Efemérides (limite de 1000 palavras por efeméride e 2 figuras)

2.2.2.Personalidades (limite de 4000 palavras e 6 figuras)

2.2.3.Artigos Originais e Investigação (limite de 4000 palavras e 6 figuras)

2.2.4.Opinião (limite de 1500 palavras)

2.2.5.Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.6.Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 2 figuras)

2.2.7.Cartas ao Director (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.8.Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos a publicação ao Diretor e enviados por correio eletrónico para casadegoa@sapo.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês.

Se algum artigo de fundo exceder o limite de palavras, poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista.

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao do artigo de fundo.

-Todos os artigos submetidos são sujeitos a apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

Publicidade comercial paga

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e pode ser divulgada individualmente.

NEWSLETTER

Será publicada sem periodicidade regular, intercalar aos números regulares, de acordo com a oportunidade e necessidade de divulgação mais urgente de conteúdos, quer pela Casa de Goa, quer por instituições afins.

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections below, in which articles may have a limit of words and pictures.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1.Events (word limit 1000, maximum two figures per event)

2.2.2.Personalities (word limit 4000, maximum six figures)

2.2.3.Original Articles and Research (word limit 4000, maximum six figures)

2.2.4.Opinion (word limit 1500)

2.2.5.Interview (word limit 2500, maximum four figures)

2.2.6.Notable Goans (word limit 2500, maximum two figures)

2.2.7.Letters to the Director (word limit 400, maximum one figure)

2.2.8.News (word limit 250, maximum one figure per new)

Publication Norms

Submitted articles should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are submitted for publication to the Director and sent by email to casadegoa@sapo.pt

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English.

If a feature article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of Revista da Casa de Goa.

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) with a limit of 150 words, respectively. If the author is not comfortable writing in both languages, the Revista da Casa de Goa makes the commitment to translate in a different language from the original article.

All submitted articles are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, suggest changes, or not accept.

Commercial Publicity paid

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora, associations and newspapers in Goa. The magazine is freely accessible and can be shared individually.

NEWSLETTER

It will be published without regular periodicity, in between the regular issues, according to the opportunity and need for more urgent information, either by Casa de Goa or by related institutions.

Índice

	Pág.
EDITORIAL - José Filipe Monteiro	1
PERSONALIDADE	
Percival Ivo Vital de Noronha (1921-2019) – In memoriam – José Filipe Monteiro	2
Percival de Noronha – Mário Viegas	3-5
Carta de Percival Noronha – Valentino Viegas	6-7
ENTREVISTA	
A Última Conversa com Percival de Noronha – Óscar de Noronha	8-11
ARTIGOS ORIGINAIS	
TAIP - Transportes Aéreos da Índia Portuguesa - Francisco da Purificação Monteiro	12-23
The Feast of Our Lady of Porto Seguro, at Santa Inês Parish – Celina Almeida	24-26
Goa – No Roteiro dos Museus – José Filipe Monteiro	27-29
GOESES ILUSTRES	
Abade Faria – Francisco da Purificação Monteiro	30-31
OPINIÃO	
Para repensar a Goanidade - Henrique Machado Jorge	32
CARTAS AO DIRETOR	
A propósito da apresentação do livro "Nas garras do destino" - José Venâncio Machado	33
Sobre o livro "Raízes da minha terra" - Daniel Gouveia	34
Sobre o livro "Raízes da minha terra" – Rui Cabral Telo	35
NOTICIÁRIO	
Lançamento dos livros "Castilho de Noronha: Por Deus e pelo País"	36
Círculo de Releitura	36
Sardinhada	36
Comemoração do Dia da Independência da Índia	37
Lançamento do livro "Raízes da Minha Terra"	37
Lançamento do livro "Nas Garras do Destino	37
Comemorações do 150ª Aniversário de Mahatma Gandhi	38
Almoço Solidário: Padre Sefron Gracias	38
Actuações do Grupo EKVAT	39
Missa em Honra de São Francisco Xavier	39
Festa de Natal	40
Baile de Fim de Ano - Reveillón 2019/2020	40

Corria o longínquo ano de 1989, quando, no seguimento da fundação da Casa de Goa, se seguiu a criação da sua Revista que, anos mais tarde, viria a ser denominada de Boletim.

Foi com muito trabalho e dedicação dos seus responsáveis e colaboradores, que ao longo destes 30 anos se cumpriu, nem sempre com a regularidade desejada, mas com grande afinco e entusiasmo, o objectivo primacial de investigar, preservar e divulgar a identidade cultural das gentes de Goa, Damão e Diu, sem prejuízo de informar e divulgar outras actividades da nossa Casa.

Após estes anos todos, chegou-se à conclusão, e bem na minha modesta opinião, que é tempo de se reestruturar este órgão oficial da nossa instituição – Casa de Goa.

Na origem da reestruturação estiveram vários factores sendo que, na era da informática e digitalização, os vectores da definição e divulgação tinham de ter em consideração estas realidades.

Neste contexto, ficou decidido que haveria duas publicações:

A **Revista da Casa de Goa**, regressa assim à sua designação original e tem por missão ir ao encontro dos estatutos da Casa de Goa no que diz respeito ao artigo 4º:

Promover acções conducentes à preservação da identidade das culturas de Goa, Damão e Diu;

Fomentar trabalhos de pesquisa nas diversas áreas que consubstanciem aquela identidade e incentivar, por todos os meios, a sua divulgação.

Por outro lado, foi a opinião do grupo responsável pela reestruturação que a Revista da Casa de Goa não pode nem deve estar centrada somente na Comunidade de goeses, damanenses e diuenses residentes em Portugal. Deve antes alargar a colaboração a sócios, simpatizantes e todos aqueles que não sendo naturais desses territórios se identificam com a sua identidade cultural. Deve também estender a colaboração à diáspora goesa, bem como aos nossos irmãos residentes em Goa, Damão e Diu.

Assim sendo, daqui em diante, a publicação passará a ser bilingue (português e inglês), para uma maior difusão junto das comunidades não falantes da língua portuguesa, *online*, em formato PDF, mantendo a periodicidade bimestral (de 2 em 2 meses). Serão convidados a colaborar na Revista autores de Goa, Damão e Diu, assim como os da diáspora.

Os aspetos informativos serão veiculados através de uma ***Newsletter*** (boletim). A necessidade de criação desta publicação, somente em português e sem obrigação de uma periodicidade, tem a ver precisamente com a necessidade de divulgar eventos "em tempo real" e que, obviamente, não podem esperar pelo número seguinte da Revista que é bimestral.

Contamos que o primeiro número da nova era esteja no prelo já em janeiro de 2020.

Em anexo, estão explicitadas as normas de publicação.

Contamos com o apoio e participação de todos os associados e simpatizantes da nossa causa!

Pela defesa da goanidade!

José Filipe Monteiro

Percival Ivo Vital de Noronha (1921-2019) - In memoriam

José Filipe Monteiro

No passado mês de Agosto soube, através da internet, do falecimento deste ilustre goês. Não o conheci pessoalmente, apesar de ser amigo e ter sido colega dos seus sobrinhos Francisco e Célio.

No entanto, a sua multifacetada personalidade, a sua luta e obra em prol da sua terra natal – Goa − não era de todo desconhecida para mim, razão pela qual escrevo estas breves linhas como uma homenagem póstuma a uma figura ímpar na história de Goa.

Percival Ivo Vital de Noronha ou simplesmente Senhor Percival, como era conhecido este residente do bairro de Fontainhas, iniciou a sua vida profissional na administração Pública, ainda no tempo da presença portuguesa em Goa, tendo trabalhado com o Governador Vassalo e Silva.

Como um alto quadro dirigente da administração local do governo de Goa, a sua longa carreira no funcionalismo abarcou as mais diversas áreas: informação, protocolo e turismo, entre outras.

O seu conhecimento profundo da história de Goa e, principalmente de Panjim e dos seus bairros (Fontainhas, S. Tomé, Campal etc.) era reconhecido por todos. Qualquer dúvida ou incerteza encontravam neste erudito goês a maior enciclopédia viva para esclarecer as imprecisões.

Na esfera do saber, que englobava o património e a história de Goa em áreas tão distintas como arqueologia e arte cristã, foi justamente reconhecido o seu saber e como corolário, chegou a ser secretário da Indian Heritage Society – Goa Chapter.

Ficam para a posteridade os inúmeros artigos, versando aqueles temas, publicados nas revistas e publicações da especialidade quer em português quer em inglês.

Defensor intransigente do ecossistema de Goa, a ele se deve a plantação das casuarinas ao longo da avenida, que corre paralela ao rio Mandovi no bairro de Campal, até à praia de Mira-Mar (antiga Gaspar Dias) na foz deste rio.

Na origem desta plantação esteve a premência de evitar a propagação e alastramento, pela erosão eólica, do areal de Campal-Caranzalém, para o interior da cidade.

Ainda na vertente ecológica foi um dos pioneiros na luta contra a instalação da fábrica TDL Nylon 66, uma fábrica de fibras sintéticas numa área rica em agricultura em Querim (concelho de Perném), bem como na defesa de ambientes para protecção de espécies ameaçadas as tartarugas e golfinhos.

Como quadro dirigente de turismo foi um dos impulsionadores da divulgação do Carnaval em Goa virada para o turismo. Com o decorrer dos anos foi com amargura que reconheceu que o caminho agora trilhado pelos responsáveis pelo turismo, em relação às marchas e carros alegóricos na época carnavalesca, agora na mão de empresas comerciais, não era o que estava no seu espírito quando imaginou divulgar o carnaval goês.

Outra das áreas do seu saber era a astronomia. Autodidata, fomentou o gosto pelo conhecimento e observação dos astros pela juventude. Os eclipses eram um tema que gostava de observar acompanhado por todos os que estivessem interessados, principalmente os mais jovens, neste ramo de ciência.

Como reconhecimento pelo seu trabalho em prol da cultura e relacionamento indo-portugues, o então Presidente de República Portuguesa, o Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva, atribui-lhe, em 2014, a Ordem de Comendador Infante Dom Henrique.

Faleceu Percival Noronha, um verdadeiro Senhor. Goa fica mais pobre. A Goanidade perde um dos seus acérrimos defensores.

Mas como diria o poeta Luís Vaz de Camões:

"E aqueles que por obras valerosas Se vão da lei da morte libertando"

Percival Noronha faz agora parte da plêiade de ilustres goeses que tanto deram à sua terra e nada pediram em troca. Na nossa memória colectiva a sua vida e obra irá para sempre perdurar.

Percival de Noronha

Mário Viegas

«Com grande tristeza informo que faleceu em Goa, esta manhã, Percival Noronha, figura impar da cultura indo-portuguesa e baluarte na perseveração dessa mesma cultura. Que Deus o receba e o recompense pela obra notável que soube realizar. Cordiais saudações do Artur Teodoro de Matos»

Diálogo com PERCIVAL NORONHA (à esqª)

Conheci-o pessoalmente na minha primeira viagem a Goa, em 1990, através de seu amigo íntimo, José Prazeres, do corpo redatorial de Lusofonia Goa. O primeiro contacto foi com a sua obra, profícua e cativante. Da vasta leitura dos seus escritos versando temática indo-portuguesa, a sedução foi imediata reconhecendo estar perante um grande pensador, um defensor da cultura goesa e um Homem com uma estatura intelectual ímpar.

Entrando nas Fontainhas, uma peregrinação a casa de Percival Noronha era obrigatória. Figura icónica, recebia quem por bem o visitava. Sempre prestável, com boa disposição, era um anfitrião notável e um conversador fascinante dos que nos enfeitiçam com as palavras. Recheava o encontro com salutares histórias, sempre vivas e enriquecedoras. Falava-nos dos escritores goeses contemporâneos, indicava-nos e aconselhava-nos nomes e instituições a visitar, entre os quais enaltecia, com ênfase, a nova Biblioteca Central, baluarte da cultura goesa e imprescindível a quem não dispensa a investigação. Ultimamente, a memória, por vezes, atraiçoava-o o que o deixava triste, queixando-se quando não lhe ocorria uma data ou um evento para completar o raciocínio.

As imprecisões desesperavam-no e um propositado (?) lapso ocorrido aquando da publicação dum artigo em Portugal onde, abusivamente, lhe tiraram algumas fotos, truncando o texto, deixaram-no desgostoso, principalmente por desvirtuar a essência da história. Um episódio triste que não abalou a estrutura de Percival Noronha, homem íntegro, de patamares mais elevados, distantes da mesquinhice de alguns "malabaristas".

Percival Noronha colaborou com reputadas universidades portuguesas. Foi professor agregado da Universidade Nova de Lisboa, e cooperou com as Universidades do Porto e de Évora. Está no panteão dos grandes vultos goeses e, é parte integrante da cultura e património deste povo. Esgrimir ideias sobre a cultura goesa era uma das suas paixões e as espontâneas tertúlias intelectuais realizadas na sua casa ou noutro qualquer espaço eram para ele uma forma de aperfeiçoamento metafisico como uma generosa forma de solidariedade e partilha cultural.

Apreciador de arte, Percival Noronha, na sala principal, "ostenta" a sua coleção privada, recheada com algumas obras de referência da pintura indiana. Estimava os artistas locais e tinha os seus "fetiches". Vamona Zé, fascinava-o. Falecido em 13/12/1999, conhecido na linguagem popular por Marceneiro, um artista invulgar, ousado nas ideias e na indumentária, cruzava as influências ocidentais com as suas, não dispensando os trajes

tradicionais intrínsecos à sua cultura. Apresentado por simpatizantes ao Governador Manuel António Vassalo e Silva, último governador do Estado da Índia (1958-1961) teve um episódio caricato. O general, vendo-o, encolhido e tímido, ousou descontrai-lo de forma informal, dando-lhe uma palmada amiga. Metaforicamente poderia simbolizar o empurrão que necessitava na sua carreira artística. Vamona Zé querendo evoluir e melhorar a sua qualidade técnica na pintura viaja até Portugal onde permaneceu por longos meses ao abrigo de uma bolsa que conquistou. Perfecionista, era obstinado naquilo que fazia, tal como Percival Noronha. Talvez entre a defesa da cultura goesa e a perseverança na defesa dos seus princípios possamos encontrar aquilo que os uniu.

Percival Noronha nasceu em 26 de julho de 1923 em Pomburpá, Goa. Foi funcionário do Estado da Índia portuguesa desde 1951 exercendo funções, e tocando todas as teclas, na Direção de Obras Públicas, na Repartição Central de Estatística e Informação, como Subsecretário das Indústrias, Trabalho, Saúde e Turismo, diretor das Indústrias e do Turismo e diretor das Obras Públicas, simultaneamente desempenhando funções de chefe do protocolo junto do General Vassalo e Silva, acompanhando-o em viagens regulares a Damão e Diu, e colaborando, nas horas vagas, com a Fundação Oriente. Depois da anexação, Percival continuou funcionário superior do Estado de Goa até à aposentação, em 1982 (o Ministro-Chefe Dayanand Bhandodkar era seu amigo pessoal; deslocava-se constantemente à sua residência para o consultar sobre assuntos administrativos e legislativos).

Sobremaneira interessado no património da sua terra, Percival fundou a Indian Heritage Society-Goa Chapter, ramo local da Sociedade para a defesa do Património da Índia, inventariando valores históricos, culturais, arquitetónicos e urbanísticos de Goa, e divulgando conhecimento relacionado com a arqueologia, a arte cristã, o mobiliário indo-português ou os artesãos de Goa e, particularmente, de Pangim. Como secretário desta instituição financiou o livro «O Meu Canto» dedicado ao Poeta Manohar Sar Dessai. Abnegado astrónomo, foi secretário da ASTRONÓMICAL SOCIETY OF INDIA-Goa Chapter.

Autor de vários ensaios, em português e em inglês, sobre Goa, até o ano de 1998. Enquanto pôde, participou em conferências e colóquios em universidades nacionais e estrangeiras e em alguns organismos culturais onde teve a oportunidade de propagar através de sessões ilustradas cenários mais profundos da realidade goesa.

Por todas estas atividades, Percival acabou agraciado por algumas instituições culturais tanto nacionais como estrangeiras, a mais importante das quais foi a condecoração portuguesa de comendador da Ordem de Mérito, atribuída pelo presidente do Centro Nacional de Cultura, Dr. Guilherme de Oliveira Martins, em nome do Presidente da República, Prof. Aníbal Cavaco Silva, “em virtude dos altos serviços prestados à divulgação e defesa da cultura de língua portuguesa e da identidade indo-portuguesa em Goa”. A cerimónia teve lugar no dia 1 de setembro de 2014, na residência do Cônsul-Geral em Goa, Dr. António Sabido Costa. Aos tributos, o homenageado mostrou-se sensibilizado afirmando que “apesar da sua idade mantinha grande empenho em prol da defesa de um património tão rico”.

Nas suas atividades extraprofissionais, como católico, não descurava a área social. Membro ativo da Ação Católica, deixou de o ser quando a Diocese de Goa, sem o seu consentimento, transacionou a construtores um terreno doado por um padre português (Sotto Mayor) na marginal de de Pangim, contíguo à praia de Caranzalém, prejudicando grandemente a sua ideia de ofertar aqueles férteis e bem posicionados terrenos a obras sociais da mesma Diocese de Goa, a qual, no entanto, não o afastou porque precisava dele, do seu apoio e dos seus conselhos e como membro da Comissão Diocesana do MUSEU DE ARTE CRISTÃ, fundado pela Fun-

dação Gulbenkian e Fundação Oriente no Seminário de Rachol, transferido posteriormente para o Convento de Santa Mónica, na Velha Cidade.

Percival Noronha habitava o 1º Andar dum prédio antigo, no nº 426 da rua 31 de janeiro, de cor grená, no histórico bairro de Fontainhas, que defendia contra o assédio dos "patos bravos" que, na sua ganância, pretendiam arrasar este ex-libris da arquitetura indo-portuguesa, integrado na zona classificada como Património da Humanidade pela Unesco por mamarrachos que fariam tábua rasa da História de Goa. Seco, magro, tez clara, cabelos desgrenhados, na nossa última visita ainda trabalhava. Nos intervalos das tarefas, no diálogo, era um autêntico professor. Entusiasmava-se com a narrativa de um episódio e, sobre História, mormente a de Goa, proferia autênticas lições. Quem o testemunhou não retira uma vírgula ao que disse.

O encanto não se esgotava na sua sábia dialética, era um autêntico gentleman. Recebia em sua casa quem procurava conhecimento. Percival Noronha, pois claro! Três moças, duas de Calcutá e uma francesa, universitárias, a conselho de alguém, bateram à porta do Senhor de Fontainhas. E lá foram acolhidas como pessoas íntimas, de família, e pareciam estar numa biblioteca, movimentando-se à vontade, consultando livros e papéis, facultados pelo nosso anfitrião. Querem conhecer detalhes de Goa e da sua História para aprofundarem conhecimentos e alargarem horizontes sobre a viagem de Vasco da Gama, a fim de produzirem uma monografia. A francesa pede-nos que fiquemos juntos num sofá e bate uma foto.

Vivaço, irrequieto, dinâmico, desembaraçado, já próximo dos 90 anos, Percival deixou de se deslocar a pé, ele que tanto adorava descer a Pangim e percorrer as suas ruas e os seus jardins, cheirar as suas plantas e flores e conversar com as suas gentes. Deixou também de viajar para Portugal, que visitou onze vezes, a última das quais em 1998, participando nos Seminários Indo-Portugueses. Quis conhecer o nosso país e percorreu-o de lés, bisbilhotando alfarrabistas e antiquários e deliciando-se com a sua gastronomia. Depois, parte da Europa latina. No Oriente, seguiu a rota de Francisco Xavier: Macau, China e Japão. Somente as limitações físicas o impediram de cumprir a ânsia de percorrer novos itinerários históricos. Movia-se, quando precisava de sair, de carro, primeiro no seu velho Volkswagen preto, substituído por um novo, que lhe foi oferecido pela Fundação Oriente em Macau, em reconhecimento pela vasta colaboração prestada que também não regateava a outros, como a de «Contacto Goa», de Nalini de Sousa, na RTP, ou orientando, a pedido de Aleixo Manuel da Costa - autor do Dicionário de Literatura Indo-Portuguesa - seu amigo e vizinho no bairro, o IV volume, a juntar a três já publicados.

No nosso último encontro, Percival de Noronha ofereceu-nos dois livros: "The Parish Churches of Goa", de José Lourenço, e "100 Goan Experiences", de Pantaleão Fernandes, com um estudo da sua autoria. Para a Irondina, minha mulher, ofereceu um lindíssimo gato em cerâmica.

Percival Ivo Vital de Noronha morreu no dia 19 de agosto de 2019 em Goa. Tinha 96 anos de idade. O funeral foi celebrado no sábado, 24 de agosto, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Dom Bosco, Pangim, para onde foi trazido o corpo por volta das 14h30, tendo a Celebração Eucarística início às 15h30, seguida de enterro no Cemitério de St.ª Inês, em Pangim.

Com a sua morte, Goa perde um dos maiores nomes da sua História e, na senda da ideia do grande poeta inglês John Donne, com o fim de Percival Noronha um pouco de nós também morre.

Carta de Percival Noronha

Valentino Viegas

Percival Noronha era uma figura pública em Goa e uma autoridade em várias áreas do saber, que eu lamentava não ter tido o prazer de conhecer pessoalmente.

Qual não foi o meu espanto quando, em 15 de Abril de 2010, recebo uma carta sua pedindo os meus comentários, enquanto estudioso envolvido nos estudos de História das estruturas religiosas antigas de Goa, sobre um assunto que o incomodava há muito tempo: "this matter is lingering in my mind for quite many years".

Dada a circunstância do seu falecimento, a missiva ganhou foros de valioso documento histórico que transcrevo na íntegra.

Por coincidência cronológica, a convite do cônsul-geral de Portugal em Goa, Dr. António Sabido Costa, tive o prazer de assistir a uma conferência, na sua residência oficial, no Altinho, Goa, sob o título "Recollections on Goa's response to the proclamation of the Portuguese Republic" no dia 23 de Outubro de 2010, onde, entre outros, tomou a palavra Percival Noronha e, com o seu olhar de longa experiência de vida e muito saber acumulado, na sua comunicação intitulada "The Little Republicans", revelou, em traços gerais, as consequências mais marcantes em Goa da implantação da República em Portugal.

Destacou, em especial, o papel do último governador monárquico, Horta e Costa, que, por possuir uma grande capacidade de previsão, decidiu mandar construir a Avenida do Campal, em Pangim, com seis faixas de rodagem, apesar de forte oposição dos seus conselheiros, pois ao tempo era considerada como sendo demasiada larga.

Jamais esquecerei o mavioso sorriso que, na ocasião, me dirigiu, assim que fui cumprimentá-lo.

Convidou-nos, a mim e a Inês, minha mulher, para almoçar no dia seguinte em sua casa.

Comprovei que o Homem era, na verdade, um poço de sabedoria com quem dava gosto conversar. Amante de boa prosa, dotado de uma memória invejável, dissertava sobre temas diversificados, pedindo a opinião dos interlocutores com uma simplicidade própria de individualidades que estão sempre ansiosas por adquirir novos conhecimentos.

Durante a tarde inteira, com olhar embevecido, aprendemos imenso, em especial, sobre a História, em geral, astronomia e arte. Tornei a visitá-lo mais vezes durante aquela estadia e sempre que regressava à minha terra natal não deixava de ir beber o sumo da cultura enciclopédica que jorrava daquela fonte inesgotável

Nas suas conversas francas, criticava numerosas situações vigentes em Goa, designadamente políticas, sociais, económicas, ecológicas e, sobretudo, de compadrio, fraude e evasão fiscal, não escondendo o facto de ser admirador confesso do último Governador-geral do Estado Português da Índia, general Vassalo e Silva, e de António de Oliveira Salazar, Primeiro-ministro de Portugal.

Aceitou o meu pedido para colaborar na Revista da Casa de Goa e entregou-me o artigo intitulado "Olhares sobre Goa. A influência Portuguesa em Goa (1510 -1961) ", in Revista da Casa de Goa, n.º 2, Maio de 2011, pp. 3-6.

Para este pequeno artigo, os comentários por mim formulados, em relação às gravuras de Usgalimal, são irrelevantes. Tal como Percival, também eu desconheço qual o método científico utilizado pelos especialistas para calcular a datação precisa das gravuras assim como a resposta convincente acerca da problemática da erosão, tanto mais que o espaço onde se encontram aquelas figuras pode ficar coberto de água durante as moções mais chuvosas, muito embora tenha comprovado, pessoalmente, que ao contrário do habitual, a pedra de laterite daquele local apresenta-se bastante mais densa.

Quanto à datação das gravuras, disse-lhe não ter opinião sobre a matéria por não dominar aquela área do saber, daí escrever sempre com esta ressalva: "a fazer fé nos especialistas".

O que importa salientar aqui é a preocupação manifestada por Percival Noronha pelo rigor científico.

Curiosamente, nas minhas visitas mais recentes, mostrava-se mais aberto a aceitar a datação proposta, para as gravuras de Usgalimal, por especialistas em arte rupestre e em petróglifos pré-históricos.

Infelizmente, quando for a Pangim, Goa, irei a Fontainhas, mas já não encontrarei quem procuro!

Dear Prof., Valentino Viegas

Pangim, 15/4/2010.

I am sorry to bother you, much against my will. This matter is lingering in my mind for quite many years. The following story may also interest you.

My late father was an entrepreneur and in 1954 after winding his business in Uganda (Central Africa) he returned to Goa. Here, he wanted to start mining business. He actually found a large manganese mine in Sanguem, in the village of Vichundrem. At that time, a mud road was ending at Curdi near a rich fountain. Thereafter, the vehicle had to travel through rocky track to reach the mining site. As such, on the day we took the geologist on the site, we went up to Curdi village, near a fountain, where we reached around 6 in the evening on a spot just a little away from the fountain.

Opposite the fountain, at a distance of around 30 mts, there was a flat mound of soil of a height of 1.5 mts and of an area around 180 – 200 sq. mts, making an ideal site for fixing our tent for the night shelter. At that time, I noticed that the whole area was of hard laterite stone, rich in high oxide content. On that plateau, there was also a large carving of a nude woman. When I asked the two gauddes who had been engaged by us to cook and help us on the night watch, about the meaning of the outline of a woman on the plateau, they told me that the fountain had been much improved in 1933-35 by one Administrator Colaço and, subsequently, by the Administrator Captain Duarte. At that time, the above authorities for the improvement of the fountain had engaged masons from Pednem to cut the rock near the fountain and shape the basins for storage of water so that people could easily get facilities for drinking water as well as for bath and washing clothes. At that time, the masons flattened the large rock elevation in front of the fountain to use rubble for filling the ditches around. The area near the fountain was also flattened and made accessible for the people. As a result, a small plateau was formed of an area around 180 – 200 sq. mts. It was here that the masons during their leisure time, carved the large outline of Mother Goddess.

Around 1980, Dr. P. P. Shirodkar, the then director of Archives of Goa Government, informed the local Government that he had found a Neolithic rock carrying a rare carving of Mother Goddess dating back to 8000 to 5000 B.C. Later, the large chunk of the mound where the Mother Goddess was carved in 1933-37, was brought to Mardol of Verna close to the site of the old temple of Mahalsa, just before the Salaulim Dam was flooded.

My contention is that any superficial carving on laterite stone would remain intact for 8000 – 5000 BC years? What about problems of erosion? Laterite stone after all is a soft stone.

I would like to have your comments, being a scholar who is involved in the study of history of our antique religious structures.

Thanking you,

Your's sincerely

Percival Noronha.

A Última Conversa Com Percival De Noronha

Óscar de Noronha

Professor universitário de língua e literatura inglesa e curador da Third Millennium Foundation (Goa). Editou e traduziu obras de carácter literário, histórico e religioso. Jornalista e blogueiro (www.oscardenoronha.com), é apresentador de Renascença Goa.

Numa tarde chuvosa (1 de Julho do ano passado), quando de súbito me lembrei do Sr. Percival Noronha1, não hesitei em terminar a minha sesta dominical. Um distinto cavalheiro – culto, agradável, e que me estimava – daí a dias iria completar a bonita idade de 95 anos… Urgia, pois, falar com o grand old man de Pangim.

Quando liguei para a sua casa, ouvi logo um 'Estou!' inconfundível. Na linguagem do Sr. Percival, esse estar era o mesmo que estar disponível! 'Pode o Óscar vir quando quiser', disse com a amabilidade que o caracterizava. Estava sempre pronto para um papo, e desta vez seria como nunca dantes: radiodifundida na minha rubrica mensal, Renascença Goa… Saí então rumo às Fontaínhas, acompanhado do meu irmão Orlando que trataria das fotos.

Era um prazer ir à residência do Sr. Percival ('Ajenor', nº E-426, à Rua Cunha Gonçalves). Também nos cruzamos, por centenas de vezes, em concertos, conferências, exposições de arte, e não menos em casamentos e funerais. Um senhor da velha guarda, era cumpridor dos seus deveres sociais e cívicos. Apesar da nossa diferença etária, a conversa corria como um rio de águas claras, pois o Sr. Percival era não só envolvente mas também apreciador dos méritos dos seus contemporâneos e estimulador dos talentos dos mais novos.

Por muito curioso que pareça, vi o Sr. Percival Noronha, pela primeira vez, no longínquo ano de 1969. Foi isso na sede do Governo, ou seja, no Palácio do Idalcão, a antiga residência oficial dos Vice-reis e governadores portugueses (1759-1918), o qual a partir de 1961 passara a denominar-se Secretariat. Aqui trabalhava também uma tia minha, Maria Zita da Veiga. E conservo a grata memória de o Sr. Percival nos convidar ao Café Real para o chá das cinco. Como o restaurante estava apinhado de gente, demorámos no seu Volkswagen Beetle, onde vieram chávenas de chá para os colegas e um refresco para o menino que os acompanhava!

Diga-se de passagem que eu admirava o seu automóvel, preto, parecendo sempre novo, tal como o seu proprietário. Este, sempre vestido de bush shirt ou camisa safari, percorria os cantos e recantos da cidade, que conhecia como a palma da sua mão. É que Percival e Pangim se pertenciam um ao outro: foi dos melhores cronistas da capital, do seu ethos e do seu ritmo, que descreveu em bela prosa.2 E fê-lo com autoridade, mesmo porque presenciou nove décadas, ou seja, metade da história dessa urbanização 3, de forma que hoje se torna difícil imaginar o nosso Pangim sem o Sr. Percival Noronha.

Cargos oficiais

Feitos os estudos liceais na capital, o Sr. Percival Noronha entrou para a administração pública, em 1947. Trabalhou, primeiro, nas Obras Públicas, passando depois para os Serviços da Estatística e Informação. Quando esta foi desagregada, o distinto professor e escritor António dos Mártires Lopes levou-o consigo para os novos Serviços de Turismo e Informação de que este acabava de ser nomeado chefe. O Sr. Percival nunca se esqueceu dos belos tempos do Liceu e do funcionalismo que passou sob a alçada directa desse seu antigo professor liceal: confessava que essa relação fora fundamental em nutrir a sua paixão pela história e cultura.

Quando se deu a mudança do regime politico, em Dezembro de 1961, o Sr. Percival era chefe-adjunto dos Ser-

viços da Informação, reportando ao governador-geral Vassalo e Silva. Em Junho de 1980, a visita do simpático governador coincidiu com as comemorações do 4º centenário da morte de Luís de Camões, em Goa. Vinha a título pessoal, mas nem por isso a visita deixou de suscitar controvérsia.

Decorreu-se o pior da cena no Azad Maidan ('Largo da Liberdade'), a antiga Praça Afonso de Albuquerque. Aqui, à certa distância, vi o antigo governante a ser interpelado por alegados actos de comissão e omissão do regime português em Goa.4 O embaraçoso incidente atalhou-o o Sr. Percival Noronha, que, na qualidade de chefe de Protocolo do Território de Goa,5 estava incumbido de acompanhar o ilustre visitante.

Antes dessa data, com a limitada bagagem de conhecimentos de inglês auferidos no Liceu, e língua essa que logo veio a dominar, o Sr. Percival Noronha ocupou outros cargos importantes na administração indiana. Foi sub-secretário das indústrias, minas, trabalho, saúde e turismo. Entre muitas outras iniciativas suas, os hospitais do Asilo em Mapuçá e o Hospício de Margão passaram a subordinar-se à Direcção de Saúde. Desenvolveu as zonas de Calangute, Colvá, Mayém e Farmagudi, e ideou os desfiles do Carnaval e Xigmó; teve papel preponderante no arruamento Campal-Miramar e na arborização do Parque Infantil; e foi um dos responsáveis pela realização da grande Feira Agrícola em 1970. Ora, possuidor dum raro espírito de autocrítica, não ocultava as faltas que houvera no planeamento e execução dessas suas propostas.

Não admira que o Sr. Percival Noronha tivesse sido um solteirão muito cobiçado. Passou, porém, a vida a cuidar da veneranda mãe, vindo a aposentar-se apenas um ano após a sua morte. Era igualmente dedicado à vida burocrática, passando horas a fio à mesa do gabinete, até para além das horas regulamentares. Um funcionário desse quilate podia facilmente esquecer-se de si próprio, como foi, na verdade, o caso do Sr. Percival Noronha.

Vida de aposentado

Teria sido diferente a sua vida depois de aposentado em 1981? Mudou de actividade, sim, mas o expediente não mudou de volume. Dedicou-se, a tempo inteiro, às matérias por que tinha propensão natural: a arte, a história e a astronomia.

Começou por dotar a sua residência com mobiliário de estilo tipicamente indo-português. Efectuou-se grande parte dessa obra no rés-do-chão do seu prédio, o qual havia sido confiado ao conhecido carpinteiro Zó. Disse-me, em mais de uma ocasião, que gastara nisso quase todas as suas economias. Também é verdade que todo dinheiro lhe era pouco quanto se tratasse de comprar objectos de arte e livros.6 Assim, a casa se viu transformada em verdadeiro museu-arquivo que deveras honra o histórico bairro das Fontaínhas.

O Sr. Percival não parou por aí: tomou a peito vários assuntos de interesse público. Inspirado pelo alto funcionário (e depois governador) K. T. Satarawala, no ano de 1982 abriu um ramo da Indian Heritage Society em Goa e foi professor convidado da Faculdade de Arquitectura. Exerceu o cargo de secretário daquela organização não-governamental que, em colaboração com a Town and Country Planning Department, preparou um relatório sobre os prédios e sítios de importância arquitectónica no território de Goa. Foi também tesoureiro do INTACH (Indian National Trust for Art and Cultural Heritage) em Goa.

Esses organismos continuam a desempenhar o importante papel de alertar a opinião pública e de sugerir medidas pela preservação do património cultural mas falta-lhes o Percival, que em crónicas de jornal e trabalhos de pesquisa, se esforçara por esclarecer os conceitos relativos à tradição goesa.7 Tinha subjacente um apelo por que os goeses se pusessem à altura da sua história e cultura, que fazia questão de interpretar como verdadeiramente indo-portuguesa. Sendo a Velha Cidade, sem dúvida, o berço dessa cultura, era natural que a antiga capital do Império Português no Oriente fosse a menina dos seus olhos.8 E pelos serviços prestados à divulgação e defesa da cultura de língua portuguesa e da identidade indo-portuguesa em Goa o cronista do nosso passado

foi agraciado pela República Portuguesa com a Ordem do Mérito (2014).9

Embora o Sr. Percival Noronha fosse indiferente em matéria religiosa, nunca hostilizou a Igreja. Pelo contrário, reconhecendo o papel desta no progresso espiritual e material dos povos, colaborou com as entidades eclesiásticas. Em 1986, quando da visita do Papa João Paulo II, participou entusiasticamente na preparação do evento. E, em 1994, foi membro fundador do Museu de Arte Cristã que ora se acha no Convento de S. Mónica.

Esse goês de gema era um arco-íris de saberes, tratando tanto da arqueologia como da astronomia com a mesma facilidade. Fundou a Association of Friends of Astronomy (AFA)10, em 1982. Este organismo, além de vir a publicar uma revista mensal, Via Lactea, editada pelo fundador, abriu, em 1990, um observatório astronómico público – o primeiro do seu género na Índia – com o apoio do Departamento de Ciência, Tecnologia e Meio-Ambiente, do Estado de Goa.

O Sr. Percival Noronha viveu uma vida sem artifícios – plain living and high thinking. Foi um líder cultural que criou à sua volta uma plêiade de jovens com decidido pendor pela história, arqueologia, arte e astronomia. Na sua casa, onde funcionavam os dois organismos que criou, recebia jornalistas, pesquisadores e outra gente interessada. Teimava em alertar a geração nova sobre o grave estado de bancarrota civilizacional em que a sua amada Goa estava a descambar. Sendo esses recursos humanos e hábitos salutares o maior legado do Sr. Percival Noronha, tem razão a Fundação Oriente em apelidá-lo de "Um Goês Exemplar", num livro que publicou em sua homenagem.

A última conversa com Percival Noronha

Na verdade, é a vida intelectual que o entusiasmava, contribuindo também para a sua saúde física. A sua roda de amigos da velha data11 nutria a saudade pelo passado enquanto a geração nova o desafiava com projectos futuristas. Era um desses amicus certus, que tratando-se de algum sem-vergonha, falava, tipicamente, com ironia e sorriso escarninho. Mas não vou sem frizar que a todos desejava o bem, e para uma vida saudável recomendava-lhes uma medida de moog (legume) grelado por dia! Antes da prótese da anca, em Abril deste ano, esteve relativamente lúcido e ágil. Faleceu confortado com os Sacramentos.

Última conversa

96 anos da vida. Dir-se-ia mesmo que o Sr. Percival Noronha teve sete vidas. Nos últimos anos era seu costume, quando adoecesse, anunciar a sua morte e daí a dias estar em pé! Era como que tivesse um sistema imunológico como o do gato persa, de que gostava. Não era motivo para recear, pois, quando ouvi de novo que o Amigo estava em declínio. Tive, porém, empenho em conversar com ele demoradamente.

Às 4,30 da tarde, o Sr. Percival tinha já à mesa o bule de chá e bolachas. Dormira a sesta e estava pronto para uma conversa. A rapariga, às ordens, sentada lá no fundo da sala. E parecia tudo como dantes...

Foi quando notei que o venerando ancião tinha o cabelo despenteado, a barba por fazer, e faltava-lhe a placa de dentes. Nunca o vira assim… Os apetrechos de trabalho estavam lá todos, arrumadinhos, nas estantes e armários, dum lado da sala de jantar, onde costumava passar grande parte do tempo a trabalhar. Também isso não estava como dantes... E reflecti também que desta vez o meu anfitrião não viera à janela do 1.º andar, para me atirar a chave da porta principal, como era seu costume… Tudo isso indicava que a sua vida ia afrouxando.

Fiquei triste.

Por outro lado, animou-me o facto de ele mandar vir esse ou aquele livro, ou pasta, que até sabia bem oWnde estava. Já dava sinal de certa lucidez... Mas, depois, continuando a conversa, notei que já não era o mesmo Percival Noronha de 1969; ou o de 1999, quando me recomendou que concorresse para a tradução do livro de Maria de Jesus dos Mártires Lopes12; ou o de 2004, quando me deu um depoimento sobre a Velha Cidade13; e nem mesmo o de 2016, quando me falou sobre o meu tio-avô14. Não, não era o mesmo Percival Noronha!

No entanto, ia falando sobre o seu currículo escolar e profissional; as suas actividades depois de aposentado; sobre Salazar (cuja inteligência e honestidade admirava) e o 18/19 de Dezembro; a administração, portuguesa e indiana; os cursos e conferências que realizou nas universidades da Ásia e Europa; o futuro da língua portuguesa em Goa; a cultura goesa e a distorção da sua história; os seus amigos e as pessoas que admirava; e a vida em Pangim: tudo isso, entre muitos outros assuntos, e não necessariamente nessa ordem de ideias.

Nos últimos meses, vi-o, várias vezes, debruçado no peitoril da varanda, qual abencerragem a observar a vida que corria lá fora, e com a cara de quem pensa: Quantum mutatis ab illo… Barbudo, lembrava Abraão, personagem de primordial importância para as comunidades à sua volta. E com aquele cabelo a voar e ele a fitar o firmamento, assemelhava-se à figura de Einstein…

Ora lá do alto do Céu ouvirá – no último domingo do mês de Novembro deste ano – a última entrevista que concedeu cá na terra. Foi a minha última conversa com o Sr. Percival Noronha.

Esta entrevista foi realizada e apresentada por Óscar de Noronha na rubrica radiofónica mensal RENASCENÇA GOA, a única expressa em português no território de Goa e produzida pelo Centro de Artes Indo-Portuguesas.

Esta entrevista foi realizada e apresentada por Óscar de Noronha na rubrica radiofónica mensal RENASCENÇA GOA, a única expressa em português no território de Goa e produzida pelo Centro de Artes Indo-Portuguesas.

O programa vai para o ar no último domingo do mês, às 14:30 (da Índia), sendo acessível pelo aplicativo:

https://play.google.com/store/apps/details?id=com.parsarbharti.airnews

Os episódios estão acessíveis no YouTube.

Bibliografia:

1. De nome completo, Percival Ivo Vital e Noronha (26.7.1923 –19.8.2019), filho de António José de Noronha, de Loutulim, e de Aurora Vital, de S. Matias.
2. “Panjim: Princess of the Mandovi” (2002); “Fontaínhas: vivendo com o passado”(2001); “Fontaínhas: the Tale of Panjim’s Latin Quarter” (2003), in Percival Noronha: Um Goês Exemplar (Fundação Oriente, 2015)
3. A vila de Pangim foi elevada à cidade com a denominação de Nova Goa, por alvará de 22 de Março de 1843, o qual lhe outorgou todos os privilégios de que gozavam as cidades de Portugal Continental.
4. O incidente impulsionou a minha primeira intervenção jornalística em forma de uma carta ao director dum jornal de Pangim – veja-se “Our Honoured Guest”, in The Navhind Times, 12/6/1980.
5. Na altura, cumulava este cargo com o de director da administração das Obras Públicas.
6. Doou a sua casa ao sobrinho Francisco Lume Pereira, de Verna, onde Percíval Noronha faleceu; e os livros doou-os à Universidade dos Açores e à Krishnadas Shama Library, de Pangim; e os diapositivos, ao Arquivo Histórico Ultramarino.
7. “Christian Art in Goa” (1993); “Indo-Portuguese Furniture and its Evolution” (2000); “Priceless Christian Art” (2004), e “Goan Artisans” (2008), in Percival Noronha: Um Goês Exemplar (Fundação Oriente, 2015).
8. “Levantamento arqueológico da Velha Goa e tentativas para a sua conservação” (1989); “Old Goa in the context of Indian heritage”(1997); “Um passeio pela Velha Cidade de Goa”(1999); “A Capela de Nossa Senhora do Monte, em Velha Goa” (2001),), in Percival Noronha: Um Goês Exemplar (Fundação Oriente, 2015).
9. Recebeu ao todo 16 galardões de proveniência vária.
10. http://afagoa.org/about_us.html
11. Entre outros, António dos Mártires Lopes, Aleixo Manuel da Costa, Maria de Jesus dos Mártires Lopes, Alcina dos Mártires Lopes, Artur Teodoro de Matos, Luís Filipe Thomaz, Teotónio de Souza, Rafael Viegas, Nandakumar Kamat, Satish Naik.
12. Tradition and Modernity in Eighteenth-Century Goa (Manohar, New Delhi & Centro de HIstória de Além-Mar, Lisboa, 2006).
13. Old Goa: A Complete Guide (Panjim: Third Millennium, 2004)
14. Castilho de Noronha: por Deus e pelo País (Panjim, Third Millennium, 2018)

TAIP

Transportes Aéreos da Índia Portuguesa

Francisco da Purificação Monteiro

A génese da fundação dos TAIP - Transportes Aéreos da Índia Portuguesa esteve na necessidade de romper o bloqueio económico não declarado imposto pelo Governo da União Indiana na sequência da recusa do Governo Português em não transferir a soberania dos territórios de Goa, Damão e Diu para a União Indiana.

A pressão e o bloqueio económico indiano

Convém recuarmos um bocado no tempo para ver como as coisas se passaram. Logo após a independência da União Indiana em 1947 o seu governo apresentou formalmente o pedido de início de negociações para a entrega de Goa, Damão e Diu. O Governo Português respondeu que tal pedido não era susceptível de se concretizar porque os territórios de Goa, Damão e Diu eram parte integrante de Portugal e os seus habitantes estavam perfeitamente integrados e dispunham dos mesmos direitos e obrigações de que gozavam os habitantes de Portugal

Aeroporto de Dabolim - Goa

Continental (Metrópole) há mais de 400 anos e ainda por uma outra razão muito forte, de que a existência do Estado da Índia era muito anterior a fundação da própria União Indiana.

Até essa altura toda a economia, isto é o comércio externo, as ligações com o exterior incluindo as comunicações postais, telegráficas e telefónicas eram feitas com a cooperação da União Indiana na continuação dos acordos que existam entre Portugal e o governo da ex-Índia de sua majestade britânica. Para se deslocar de Goa para qualquer destino fora dela tinha que se utilizar as comunicações marítimas e aéreas baseadas em Bombaim.

Com a instituição do bloqueio foi proibido o movimento de pessoas e mercadorias, nomeadamente géneros de primeira necessidade como arroz e farinha; os medicamentos, cimentos e combustíveis quer por terra e por mar; a linha férrea que ligava Goa a Bombaim foi cortada na fronteira, as linhas telegráficas e telefónicas igualmente cortadas e pasmem-me meus senhores até as contas bancárias dos goeses, damanenses e diuenses nos bancos indianos foram congeladas; as remessas dos emigrantes proibidas e foram tomadas medidas extremas jamais imaginadas como a de apreender todas as mercadorias transportadas em navios que eram destinadas ao porto de Mormugão mas que faziam uma escala prévia nos portos indianos.

Todas estas acções afectaram profundamente não só a economia mas também a vida das populações de Goa, Damão e Diu; milhares de famílias destes três territórios ficaram em situação muito difícil porque deixaram de receber o dinheiro que os seus familiares que trabalhavam na União Indiana enviavam para o seu sustento; o comércio (importações e exportações) sofreram um rude golpe e o bem estar das populações ficou seriamente comprometido, o que levou os governantes da União Indiana a supor que as populações de Goa, Damão e Diu iriam manifestar-se contra as autoridades portuguesas e pedir a sua imediata integração naquele país; o que aconteceu foi exactamente o contrário do que previam os governantes indianos; a população dos três territórios demonstrou o seu amor a terra natal onde viviam em paz e harmonia hindus, cristãos e maometanos; onde não havia fome nem miséria como a que havia na União Indiana; a população demonstrou um elevado civismo, nunca se manifestou contra a soberania portuguesa; as tentativas de aliciamento foram feitas por elementos não

Aeroporto de Damão

goeses vindos do território indiano; as dificuldades impostas respondeu com trabalho em todas as actividades económicas e um crescente surto de progresso atravessou Goa, Damão e Diu; por sua vez o governo do Estado da Índia apoiado pelo Governo da Metrópole tomou decisões para superar todas as dificuldades criadas pela União Indiana; para vencer o isolamento originado pelo bloqueio decidiu estabelecer ligações marítimas regulares entre Lisboa e Goa, Goa e Moçambique e ainda uma outra entre Goa, Damão, Diu e Karachi (Paquistão).

Tendo sido vencida a maior dificuldade que era o isolamento dos três territórios, que atenuaram significativamente os problemas atrás citados, acontecia porém, que as ligações marítimas eram muito morosas; uma viagem de Goa a Lisboa por exemplo demorava dezoito (18) dias, isto no caso de se utilizar o canal do Suez, porque se por qualquer motivo o percurso tivesse que ser feito contornando o continente africano a viagem levava quase dois meses o que acarretava enormes prejuízos ao comércio e para as pessoas que necessitavam de deslocar para diversos destinos na Europa e outros continentes.

Estudos preliminares e «ok» de Lisboa

Em Julho de 1951 a Direcção Geral de Fomento do Ministério do Ultramar tivesse proposto a Direcção Geral da Aeronáutica Civil o envio de uma missão técnica com a finalidade de:

a) estudar e elaborar o projecto de construção de um aeroporto internacional em Goa;

b) estudar a possibilidade de ampliação que permitisse a utilização imediata das pistas existentes em Mormugão, Damão e Diu por bimotores; e

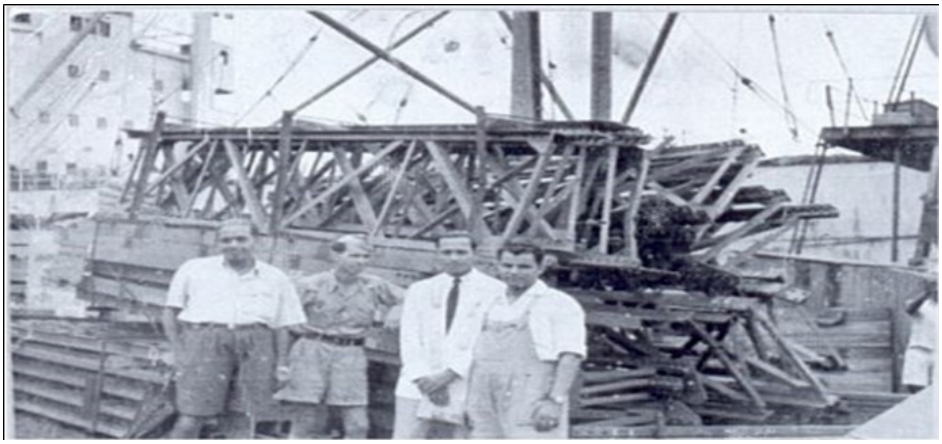
c) estudar a viabilidade de estabelecimento de ligações aéreas com os três territórios que compunham o Estado da Índia; o precipitar dos acontecimentos levou o governo central a preocupar-se com a situação e futuro e bem estar das populações do Estado da Índia e também com a segurança de bens e de integridade territorial

Devido a crescente pressão da União Indiana, em Junho de 1953 o governo manifesta ao Subsecretário de Estado da Aeronáutica a sua preocupação com o futuro e bem estar das populações do Estado da Índia e com a segurança de bens e da integridade territorial. Nesse sentido o Comandante da Esquadrilha de Transportes Aéreos Militares (TAM) é abordado para fazer o estudo e informar da viabilidade de utilizar os aviões "Skymaster" para o transporte de abastecimentos e munições para Mormugão. Dado que os pequenos aeródromos existentes não permitiam a aterragem dos "Skymasters", foi sugerido a modalidade de lançamento das cargas em pára-quedas, que mesmo assim estariam condicionados à autorização de trânsito por Karachi. Face as essas limitações o governo optou por outra solução, isto é a criação de serviços de transportes aéreos em configuração de empresa civil de transportes públicos, ainda que integrada organicamente no Governo Geral do Estado da Índia.

A imperiosa necessidade de romper o bloqueio e vencer o isolamento acelerou o projecto da construção das infraestruturas aeroportuárias e em 1954 depois de aturados estudos foram iniciadas finalmente as obras de construção de três (3) aeroportos localizados respectivamente em Goa, Damão e Diu que foram orientados respectivamente pelos senhores engenheiros Abranches Pinto, Boavida e Correia Mendes; as despesas com a construção destes aeroportos foram suportadas com verbas do plano de fomento.

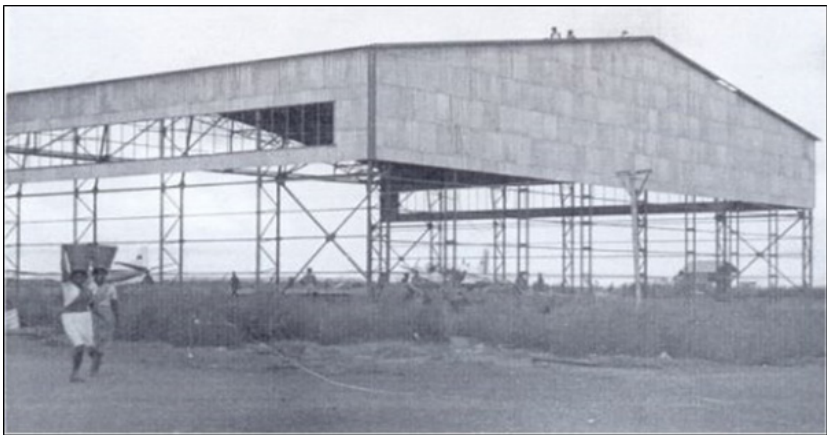
1955: Inauguração dos três aeroportos

Em Maio de 1955 foram inauguradas as pistas dos três aeroportos e posteriormente as instalações de apoio



Componentes do hangar e pessoal encarregue de orientar a montagem

Transporte dos componentes do hangar para Dabolim



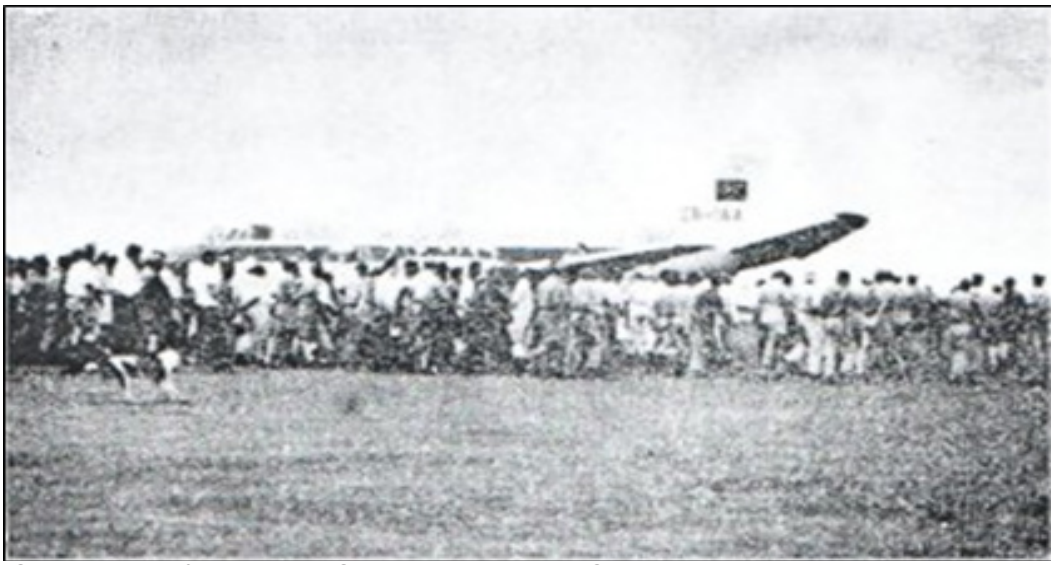
O Hangar na fase de montagem

(hangares, oficinas, terminais, aerogare, etc). O 1º hangar foi construído com componentes metálicos fabricados nas instalações da CUF do Barreiro e enviados via marítima para o porto de Mormugão.

Para acompanhar a instalação deste hangar a CUF deslocou uma equipa constituída por pessoal especializado da qual fez parte o Sr. Tomás Elias Colaço, natural de Damão e residente no Barreiro.

Faltavam no entanto a estrutura adequada para iniciar o transporte aéreo; para alcançar este objectivo foi criada uma companhia de transportes aéreos que no início foi chamada de Serviços de Transportes Aéreos da Índia Portuguesa (STAIP), que passado algum tempo viu a sua designação abreviada para Transportes Aéreos da Índia Portuguesa, sendo mais conhecida por TAIP.

O primeiro avião adquirido pelos TAIP chegou a Goa pilotado pelo Major piloto aviador Solano de Almeida no dia 10 de Agosto de 1955 que antes de aterrar na pista de Dabolim sobrevoou Panjim entre vibrantes aclamações da população da capital do Estado da Índia. Este avião era um pequeno quadrimotor de marca "De



Chegado do 1º avião HERON com a matrícula CR-IAA ao aeroporto de Dabolim

Haviland Heron" fabricado na Inglaterra e tinha capacidade para transportar 14 passageiros e alguma carga. O seu raio de acção comercial era de 800 milhas.

Estava assim inaugurada a 1ª carreira dos TAIP que tinha uma frequência semanal e estabelecia a ligação de Goa com Damão, Diu e Karachi; esta ligação cobria cerca de 1300 quilómetros e demorava cinco (5) horas.

A procura excedeu largamente tudo o que podia-se esperar e assim de imediato adquiriu-se um segundo apare-

O HERON sobrevoando Goa

lho da mesma marca que com a matrícula CR-IAB e pilotado pelo capitão Afonso Norton chegou ao aeroporto de Dabolim no dia 28 de Setembro de 1955.

Como a afluência dos passageiros não parava de crescer os voos passaram a ser bissemanais. Era o arranque para a progressão de uma empresa que nunca mais parou de crescer. A partir de 30 de Novembro de 1955 as carreiras para Karachi passaram a ser diárias.

Entretanto para satisfazer o crescente aumento de passageiros, carga e correio a frota dos TAIP foi reforçada com a aquisição de dois aviões bimotores "Vickers 610 Viking 1B" fabricadas pela empresa inglesa Vickers com capacidade para transportar 30 passageiros, carga e correio, tendo um raio de acção comercial de 1750 milhas, aos quais foram atribuídas as matrículas CR-IAC e CR-IAD.

O primeiro avião VIKING sob o comando do major Solano de Almeida coadjuvado pelo Alferes Marreiros aterra em Dabolim a 13 de Março de 1956; o segundo trazido pelos Capitães Norton e Palma Rego chega a Dabolim a 17 de Maio de 1956; que traz o Tenente Navegador Manuel Chorão Vinhas Como este tipo de aviões obriga a que a sua tripulação tenha um navegador encartado, em princípios de Junho de 1956 o capitão Palma Rego e o tenente Manuel Chorão ambos habilitados com o "Curso de Navegador Long Range" da Royal Canadian Air Force, dão início ao 1º curso de navegadores em que o Pessoal da Força Aérea Portuguesa prepara navegadores para uma companhia de aviação civil.

Para a frequência deste curso com duração de seis (6) meses cuja parte teórica era baseada no Curso canadiano e a parte prática feita durante as viagens efectuadas pelos Vikings foram seleccionados o tenente Pelágio Bar-

O segundo VIKING com a matrícula CR-IAD

O segundo VIKING com a matrícula CR-IAD

bosa que já fazia parte dos quadros dos TAIP e o tenente de Infantaria Costa Afonso; o primeiro concluiu com êxito e deu boas provas enquanto serviu nos TAIP; o segundo não chegou a terminar o referido curso.

O movimento de passageiros, carga e correio não paravam de crescer; os pequenos quadrimotores "Heron" já não satisfaziam os requisitos mínimos da contínua expansão dos TAIP e por esse motivo um foi cedido a Guiné e outro para São Tomé e Príncipe; para proporcionar maior conforto, maior rapidez e iniciar a almejada ligação para Lisboa os TAIP encetaram diligências e contactos com os representantes da "DOUGLAS" para fornecer dois aviões "Skymaster DC-4" recondicionados mediante revisão geral e aprontamento feito na própria "Douglas" numa das suas oficinas de manutenção em Brownswille - Texas; esses aviões tinham maior capacidade, maior velocidade e maior autonomia.

O voo de ensaio e recepção do primeiro DC-4 com as cores dos TAIP e a matrícula CR-IAE foi efectuado

O CR-IAF SKYMASTER

em 15 de Dezembro de 1957 e a viagem para Goa via Bermudas-Açores-Lisboa em 17 do mesmo mês sendo o avião pilotado pelo major Solano de Almeida.

O segundo DC-4 com a matrícula CR-IAF fez o voo de ensaio em 2 de Janeiro de 1958 e sob o comando do capitão Krus Abecasis seguiu a viagem para Goa em 5 do mesmo mês. A aquisição destes aviões constituiu um marco e projectaram definitivamente os TAIP" como uma moderna empresa de transporte aéreo. A capacidade de transporte dos DC-4 passou a ser totalmente utilizada desde o inicio da entrada em serviço destes aviões isto apesar de se ter optado pela configuração de "alta densidade" de preenchimento da cabine de passageiros. Goa,

O SKYMASTER descolando da pista do aeroporto de Dabolim

Damão e Diu tinham-se mentalizado para o transporte aéreo e este passara a constituir serviço imprescindível à economia dos três territórios.

A propósito vejamos o que diz o senhor Major General José Krus Abecasis, distinto oficial piloto aviador da Força Aérea Portuguesa no seu livro "Bordo de Ataque", 1º volume. Pág. 186: "A mais recente actividade de transporte aéreo do Ultramar Português, no Estado da Índia, sitiado pela União Indiana, apresentava o modelo mais avançado de avião e propunha-se não só a manter as ligações vitais à vida de Goa, Damão e Diu como lançar ao inimigo de então um singular desafio: a extensão e ampliação da sua rede até Lisboa, além das carreiras para o Médio Oriente e Aden, com vista a chegar a Moçambique.

Sucesso e credibilidade crescentes

O impacto político externo de todo este plano não era certamente o menor contributo dos serviços dos TAIP para o esforço e credibilidade de Portugal. Foi tudo fruto da tenacidade e dinamismo de Solano de Almeida. À ousadia dos projectos correspondia, nele e nos seus colaboradores a determinação de agir - e esta era necessária quando a base de operações se situava num minúsculo território, sem recursos tecnológicos nem indústria expressiva, estrangulado por um bloqueio hostil nas fronteiras, com uma rudimentar infraestrutura de protecção num clima adverso e com escassez de quadros técnicos.

Toda esta conjuntura iria provocar espanto e admiração no técnico da "DOUGLAS" que, por compromisso contratual, nos acompanhou em Goa durante alguns meses".

A administração dos TAIP dirigida pelo incansável Major Solano de Almeida e com total apoio do Governador Geral General Vassalo e Silva tinha projectos ambiciosos para modernizar a companhia e expandir as suas rotas para África Oriental, Médio Oriente e Timor e sempre que fosse solicitada responder aos pedidos de

transportes "charter" para diversos destinos.

Em 1959 completou-se a montagem do 2º hangar e em 1960 foi inaugurada a nova aerogare; o aeroporto de Dabolim passa a estar equipado com radio-farol omnidirecional e dispõe de uma pista de 2000 metros por 46

Aeroporto de Diu

de largura, sendo a pista iluminda com sistema eléctrico Calvert.

Já no decorrer de 1960 para dar corpo aos projectos de expansão e modernização da empresa após vários estudos e diligências foram adquiridos nos Estados Unidos três DC6-B, de origem americana e fabricados pela Douglas; os primeiros dois chegaram ao longo de 1960 com as matrículas CR-IAG, CR-IAH; o terceiro com a matrícula CR-IAI, já não chegou a Dabolim devido a invasão e ocupação de GOA pelas forças armadas da União Indiana em 18/12/1961. Estes aviões podiam transportar entre 64-92 passageiros consoante a configuração de preenchimento dada a cabine de passageiros. A frota dos TAIP passava a possuir sete (6) aviões, que davam a companhia um potencial já com dimensão apreciável e permitem concretizar o estabelecimento de novas rotas.

Em 25 de Junho de 1960 os TAIP concretizam uma velha aspiração de ligar Goa à Moçambique com o voo inaugural para Beira e Lourenço Marques. A periodicidade desta ligação era mensal. Durante o ano de 1960 foram ainda feitos alguns voos charter para a Arábia Saudita e Japão.

Para reforçar a guarnição de Timor Português (hoje Timor Lorosae), os aviões dos TAIP fizeram uma ponte aérea para transporte de tropas e armamento cedidos pelo Comando Territorial Independente do Estado da Índia por ordem do governo central.

Major Solano de Almeida

Para apoiar a ponte aérea entre Lisboa e Luanda por virtude dos acontecimentos de 4 de Fevereiro de 1961 em Angola os TAIP deram o seu contributo com o envio de dois Skymasters e respectivas tripulações. Desta-

camos o transporte feito pelos TAIP no dia 12 de Fevereiro de 1961 da 6ª Companhia de Caçadores Especiais para Luanda comandada pelo Capitão de Infantaria Raul Leandro dos Santos.

Em relação ao apoio dos TAIP a respeito dos acontecimentos verificados em Angola em 1961 diz ainda o Major General Piloto Aviador Krus Abecasis - na pág. 255/256 do seu livro … "a nossa ponte aérea foi a breve trecho, alargada com voos "extra" dos TAP e com a preciosa ajuda dos TAIP - Transportes Aéreos da Índia Portuguesa, num sinal reconfortante de unidade nacional .

A proficiência técnica e a capacidade de trabalho árduo das tripulações dos TAIP mais uma vez ficou demonstrada". Os aviões dos TAIP prestaram também um importante contributo sempre que foram solicitados para o transporte de doentes e feridos graves de Damão e Diu que precisavam de tratamento em Goa.

A invasão de Goa, Damão e Diu

Nas semanas que precederam a invasão de Goa, Damão e Diu os TAIP montaram uma ponte aérea entre Goa e Karachi para a evacuação das famílias dos civis e militares. No dia 18 de Dezembro de 1961, dia da invasão encontravam-se no aeroporto de Dabolim um avião DC-4 "Skymaster" dos TAIP e um "SUPER CONSTELATION" dos TAP – Transportes Aéreos Portugueses; apesar da pista e a torre terem sido atingidos pelos maciços bombardeamentos da Força Aérea Indiana, durante a noite foram feitas as necessárias reparações na pista que permitiram aos dois aviões levantar voo com destino a Karachi donde posteriormente seguiram para Lisboa.

Major Solano de Almeida e Engenheiro Abranches Pinto

A invasão, ocupação e anexação de Goa, Damão e Diu ordenada por Nehru um estadista que se dizia ser "pacifista" e apóstolo de não-violência que desafiando o próprio Conselho de Segurança da Nações Unidas perante a hipocrisia das grandes potências mundiais (Estados Unidos da América e Reino Unido) pôs fim aos TAIP que sem dúvida nenhuma constituíam uma das mais significativas realizações de grande alcance da administração portuguesa no Estado da Índia, onde deve-se realçar o importante contributo dado pela Força Aérea Portuguesa.

Os Transportes Aéreos da Índia Portuguesa estavam a ter um desenvolvimento notável nos últimos dois anos, tendo atingido 2626 horas de voo em 1959 e 1917 até 10 de Agosto de 1960, tendo transportado nos mesmos períodos de tempo 7258 e 5849 passageiros respectivamente, o que representava um aumento de cerca de 32% e 66% em relação ao ano de 1958. Ao recordar os TAIP - Transportes Aéreos da Índia Portuguesa prestamos aqui a nossa sincera homenagem aos pioneiros que com a sua grande dedicação e esforço implantaram a aviação comercial em Goa, Damão e Diu.

Ocupação militar indiana das estruturas aeroportuárias civis

O aeroporto de Dabolim que era uma infraestrutura civil do governo do Estado da Índia onde nunca aterrou um único avião militar português depois da invasão, ocupação e anexação de Goa foi entregue pelas autoridades ocupantes a marinha indiana que instalou aqui um verdadeiro arsenal militar, apropriando-se das infraes-

Aeroporto de Diu em fase de construção em 1957

Aeroporto de Diu antes da invasão

As instalações do aeroporto de Diu depois dos bombardeamentos da Força Aérea Indiana

truturas, equipamentos e terrenos adjacentes.

Curiosamente das três (3) infraestruturas aeroportuárias civis construídas pela administração portuguesa em Goa, Damão e Diu,duas (2) delas depois da propalada "libertação" passaram a ser bases militares: o aeroporto de Dabolim é uma base aero-naval e no aeroporto de Damão está sediada a Guarda Costeira.

A marinha indiana construiu em Karvar uma gigantesca infraestrutura aeronaval - a Sea Bird, que vai ser a maior a sul do canal de Suez; as autoridades navais indianas instadas por políticos e empresários goeses a transferir as suas instalações de Dabolim para Karvar rejeitaram premptoriamente dizendo que a marinha não vai abdicar de Dabolim. É o apregoado pacifismo indiano.

Eis a obra dos libertadores indianos sob a chefia do pacifista Nehru, que não pouparam objectivos e infraestruturas civis como o aeroporto de Dabolim e o aeródromo de Diu.

Incidentes com aviões dos TAIP

No dia 29 de Agosto de 1956 quando o avião Heron CR IAB já estava com os motores em funcionamento para a descolagem com destino a Damão e Diu teve que retardar a sua partida por ter sido pedido o envio de uma encomenda urgente dum departamento governamental para o governo de Damão; a encomenda foi colocada no compartimento de bagagem; postos os ,motores em marcha o avião descolou do aeroporto de Dabolim e já depois de ter atingido a altitude de cruzeiro, o mecânico de bordo informou que estavam a aparecer fumos no interior da cabina de passageiros, vindos por baixo da antepara do compartimento de bagagem; depois de analisadas as hipóteses prováveis da origem dos fumos e não sendo possível tirar nenhuma conclusão, o Major Solano de Almeida que comandava a tripulação resolveu alertar a torre do controlo do aeroporto de Dabolim e regressar. Depois de aterrar verificou-se que os fumos eram devidos a encomenda do Governo que continha uma garrafa de ácido sulfúrico fechada com uma rolha de cortiça, que tendo sido corroída pelo ácido, provocou o derrame do mesmo na estrutura do avião, abrindo na fuselagem um buraco de dimensões apreciáveis.

No dia 1 de Outubro de 1956 o Vicking CR-IAC que seguia num vôo directo para Karachi, tendo aos comando os capitães Norton e Rego, depois de uma hora de viagem o avião sofre um disparo de hélice do motor direito que a tripulação consegue dominar, trazendo o avião de volta a Dabolim só com um motor. O avião esteve imobilizado cerca de um mês para ser feita a reparação.

No dia 2 de Novembro de 1957 o avião "Vickers-Viking" CR-IAD que fazia o voo Goa-Karachi com 24 passageiros e 3 tripulantes a bordo, ao fazer-se a pista despenhou-se sobre um dos edifícios do quartel do bombeiros; apesar do aparatoso acidente felizmente não houve vítimas a lamentar; o avião sofreu avultados prejuízos.

Destino dos aviões dos TAIP

Depois da invasão e ocupação de Goa, Damão e Diu pelas Forças Armadas Indianas no dia 18 de Dezembro de 1961, todos os aviões dos TAIP foram entregues a FAP – Força Aérea Portuguesa.

Agradecimentos:

Sinceros agradecimentos ao Exmº Sr. Major General Piloto Aviador (Ref.) José Krus Abecasis que pôs a nossa disposição diversa documentação e informação técnica das características dos aviões que compunham a frota dos TAIP.

Ao Sr. Tomás Elias Colaço que deu-nos preciosas informações e fotos sobre a montagem do 1º Hangar no aeroporto de Dabolim. Ao amigo Gabriel de Figueiredo que pôs a nossa disposição fotos dos aviões "Vickers Viking".

A minha filha Sandra que fez a reconstituição do logotipo dos TAIP e aos meus sobrinhos Sofia e Agostinho que digitalizaram as fotografias do aeroporto de Dabolim, dos aeródromos de Damão e Diu e aviões Skymaster e DC6 B.

As fotos dos aeroportos de Goa, Damão e Diu são cortesia dos fotógrafos "Sousa & Paul", Pangim, Goa.

As fotos dos aviões Vickers Viking CR-IAC e CR-IAD são cortesia da AJ Jackson collection.

A foto da destruição da torre do controlo do aeródromo de Diu é cortesia de Bharat-Rakshak.

Francisco da Purificação Monteiro, nasceu em Goa. Frequentou Engenharia Eletrotécnica no Instituto Superior Técnico. Foi quadro superior na Administração Pública na área da Informática e tecnologias de informação.

É sócio fundador da Casa de Goa. Na defesa e divulgação da identidade cultural de Goa colabora nos sites SuperGoa e Goancauses. Mantém ainda uma intervenção assídua nos fóruns do SuperGoa (Portugal), Goancauses (Estados Unidos), Goa-portuguese (Pangim-Goa), Tanzanite (Canadá) e na revista Voz de Oriente (Portugal).

Bibliografia:
- Livro "Bordo de Ataque" de José Krus Abecasis, I Volume.
- Palestra proferida pelo Sr. Major General (Ref.)José Krus Abecasis na Sociedade de Geografia em 23 de Março de 2002.
- A jornada continua... Colecção de Divulgação e Cultura, n.º 33, Edição do Centro de Informação e Turismo de Goa.
- http://www.aviation-safety.net/database/record.php?id=19571102-1
- http://www.terravista.pt/mussulo/1961/taip.html
- http://www.bharat-rakshak.com/IAF/History/1960s/Goa/
(c) Francisco da Purificação Monteiro

The Feast Of Our Lady Of Porto Seguro, At Santa Inês Parish

Celina Almeida

Five hundred years before the arrival of the Portuguese to India, the Arabs had already controlled the trade routes between Europe and the Eastern Hemisphere, including India. Their desire to dominate the trade routes to India was enhanced when Yusuf Adil Shah, who was born in Constantinople, had his vision fixed on Goa. Around 1408, he became the Governor of a very vast land in Konkan which included Bijapur and the west coast of Goa.

Why was the Konkan Coast of Goa so much coveted by the Arabs , the Persians , the Jews , just to mention a few traders and later by the British the Dutch and the Portuguese ?

Goa has tidal rivers like the Mandovi and its tributaries in the North, the Zuari and the Sal in the South. These rivers help the formation of river ports where ships large and small could sail 8 to 10 miles inland from its mouth. These ports were points of exchange of rich merchandise: gold, diamonds, jewels, perfumes, spices, silk, slaves and also local produce like salt, coconuts, paddy.

The monsoons propitiated a break to the trade and the ships threw their anchor in these ports.

In 1510, when Albuquerque took control of the sea routes the Arab dominion was replaced by the Portuguese command of the seas. The west coast of Goa was made into a great commercial emporium. The tidal ports offered excellent shelter to all types of ships be it canoes and small ships that used to trade local produce or large ships that sailed the seas and entered the mouths of the rivers that offered safe haven to them.

Having this scenario as the backdrop for the feast of Nossa Senhora do Porto Seguro, in the parish of Santa Inês, I shall return later in this essay, to describe the feast.

The old Taleigão village comprised of Taleigao, Panjim and Santa-Inês . In their endeavor of spreading Christianity, the Portuguese built churches: One in Taleigão in 1544, the second one in Panjim in 1600 and the third in Santa Ines where there was a hermitage built in 1584 by Dom Francisco d 'Eça. In 1601 he donated it to the Augustinians. A few years later, he rebuilt the hermitage and it was elevated to

a church by Archbishop Dom Frei Aleixo de Meneses in 1606." It was at this stage that Panjim and Santa Ines formed separate parishes" (1). The reason why this parish was named as Santa –Inês is not known But it would be interesting to know that Santa-Inês was born as Saint Agnes of Rome in 29 A.D.She is a virgin and a martyr venerated as a Saint in the Roman Catholic Church, in the eastern Orthodox Church and in the Anglican and Lutheran religions. Her feast is celebrated on 21 st January and she is the patroness of gardeners and young girls. The name Agnes was accepted in Italian as Agnese, in Portuguêse as Inês and in Spanish as Inéz or Inés.

In the years of its formation and foundation, the parish of Santa Ines was filled with marshes, bogs, lagoons, palm groves, water channels that crossed the area before entering the River Mandovi. The stagnant waters were a source of diseases to the population and unwholesomeness to the land.

The Portuguese formulated a speedy plan in 1843, spearheaded by the Governor General, The Count of Antas, to eradicate the diseases. He ordered that the land in front of the Church should be expropriated from the Comunidade of Taleigão as this would wipe away the harmful effects on the land and the diseases caused by the stagnant waters .On 2 nd March of the same year he ordered that the marshy land should be connected to the river by 3 channels . These channels should have dykes that had to be closed in summer and opened in winter so that the rain water emptied in the river Mandovi" (2) Simultaneously , the Government designed plans to build broad roads and bridges to connect Santa Inês to Panjim , to Campal , to Caranzalem , to Dona Paula, to Taleigão Those broad and well planned roads are till date the links between various parishes of Tiswadi taluka

The old parish of Santa –Ines could pride itself of palaces and mansions of aristocrats and nobility. "The rural palace of Santa –Inês that belonged to the Conego Francisco da Cunha Souto Maior was situated to the east of the Church Santa Inês, on the left of the road that leads to Caranzalem" .(4) Today there are no traces of this opulent palace neither of the mansion of the aristocrat family of Melo Sampaio . Close by to these mansions one could find a jetty on the creek of the Mandovi river that flowed along the south of the road (5) This creek is totally filled up today and what exists over there is the bridge that links Campal to the parish of Santa-Inês

Most of the aristocrats owned boats like the guard –boats, the service boats which were anchored at the dock near the church of Santa –Inês , when not in use. The boats were the only means of transport in the years 1800's. It is the sailors of these private owned boats and the sailors of the boats that came to take shelter in the creeks of the Mandovi River who are the prime movers of the Feast of Our Lady of Porto Seguro. The feast has a legend that was communicated to me by the very senior habitants of this parish and it has been transmitted to them by their forefathers. A boat that was sailing in the high seas was torn by a severe storm. The sailors

knowing their plight raised a prayer to the heavenly forces and with the prayers was also a promise: that wherever they reached they would offer to the parish, an image of Our Lady on a boat and would urge the parish to initiate the feast of Nossa Senhora do Porto Seguro . The legend says that the sailors reached Santa Ines and they offered an image to the Church with the assurance that the feast would be celebrated every year

The Church of Santa –Inês built in a Neo –Roman style, has three altars: the main one that is dedicated to Santa-Inês. At the lower level one finds collateral altars To the left is the altar of Nossa Senhora do Porto Seguro and to the right is the altar of Saint Nicholas. One does not know the exact date of the building of the altar of our Lady of Porto Seguro. The known facts corroborate the legend that the sailors, be it Portuguese or others have offered the image of Our Lady to the parish with fervent prayers to protect them in the seas and bring them back to a safer port.

The image of Our Lady on the altar depicts her standing on a platform shaped like a boat decorated with the symbols that are connected with the sea fairing vessels like anchors and ropes carved on the border of the platform.

It is not just a coincidence that the feast is celebrated before the arrival of the Monsoons as, at this time in the long past the boats used to take shelter in the small anchorage places near the Church. This Church is one of the few in Goa that celebrates two main feasts: of Santa Inês and of Our Lady of Porto Seguro.

The feast is celebrated every year on the third Sunday of the month of May. Novenas with prayers precede the feast. The church feasts of Goa have the same traditional pattern. One or two Eucharistic celebrations before the High Feast Mass which is always longer and accompanied by a choir and a band. At the end of the High mass, the devotees participate in a penitential procession that moves out of the Church winds through the road that passes along the Gomantak Press, enters the Dr Gama Pinto Road and walks back to the church. The trajectory of the procession is decorated with arches of bamboos covered with leaves of wild palm trees. The image of Our Lady on a platform shaped like a boat is part of the procession. The image is decorated with dazzling red or blue clothes and garlanded with local flowers Roses are rarely used.

One cannot miss the brass band and the crackers and the small fair selling trinkets which are the components of all the feasts celebrated in Goa.

References

1) Fish Curry and Rice Pg 103
2) B.G No 2 6th March 1843
3) História de Goa - Política e Arqueológica , Padre M.J.Gabriel Saldanha Vol II , Pg 15
4) Ibid Pg 16

Goa – No Roteiro Dos Museus

José Filipe Monteiro

Nas minhas deslocações ao estrangeiro, quer por motivos profissionais quer por propósitos meramente lúdicos (entenda-se em turismo), auto fomentei o hábito, sempre que possível, de conhecer os museus mais prestigiados, do local ou cidade, alvo da minha itinerância.

Estas viagens passageiras têm, entre outros objectivos, o intuito de conhecer gentes e culturas diferentes e, neste contexto, a minha apetência pelos museus vai de encontro à definição dos museus do Instituto Brasileiro de Museus, instância museológica máxima no Brasil: "Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose."

Goa e museus

Há meses, mais precisamente no início deste ano, no meu peregrinar cíclico à terra mãe, fiz uma visita ao Goa Chitra (museu etnográfico) onde fui muito bem recebido pelo seu fundador e curador Victor Hugo Gomes. Numa visita anterior tinha sido a vez do Museu da Arte Sacra na altura sediado em Rachol e actualmente no Convento de Santa Mónica na Velha Cidade.

Museu de Arte Sacra - Museu de Santa Mónica

Estes dois museus, eventualmente entre outros que ainda não tive ocasião de conhecer, devem ser, na minha modesta opinião, uma visita obrigatória para todos os que queiram conhecer Goa nos seus mais diversos aspectos culturais, sociológicos e religiosos.

Em linhas gerais irei focar as particularidades que pude presenciar e alguma informação relacionada com estes museus.

Goa Chitra

Goa Chitra ou Retratos de Goa, situa-se numa fazenda agrícola na aldeia de Benaulim, conselho de Salcete e, na opinião do seu fundador, pretende ser uma homenagem aos seus antepassados e ao seu modo de vida, nomeadamente no que diz respeito ao estilo tradicional da vida agrária. Este estilo de vida – fundiário – integrado localmente nas comunidades agrárias ou gãocarias, tem muitos séculos de existência. É um sistema de gestão dos terrenos agrícolas emanada de uma colectividade fruto da congregação dos senhores da terra numa única corporação que gere os terrenos agrícolas de cultura de arroz(várzeas).

Iremos, num dos próximos artigos debruçar com algum detalhe, sobre as Gãocarias um dos pilares da Goanidade.

Para além da justa homenagem aos nossos antepassados, o objectivo do museu passa também por familiarizar o visitante com as técnicas agrícolas, amigas do meio ambiente e, numa vertente cultural, o relacionamento de artes agrícolas com diversas formas de expressão artística como o canto, a dança ou ainda a relação com a arte manual como é o caso da olaria.

Museu Goa Chitra - Charrua

Com um acervo de cerca de 200 objectos no seu início, (quase todos da colecção familiar do fundador) possui, na actualidade, um património de perto de 4000 peças.

As instalações do museu, inseridas numa aldeia rural, foram concebidas do modo a ser recriada todo uma envolvência do passado de Goa rural.

O espaço tem diversas dependências como a área de estacionamento, a recepção, a galeria da arte, uma fazenda com raízes orgânicas, o museu propriamente dito, um espaço de entretenimento e uma *angan*, um open espace, com o chão que tem a particularidade de ser assente em excremento seco de vaca e que, neste caso particular, pode servir para oficinas de artesanato.

Este complexo onde está instalado o museu pretende ser autossuficiente nos recursos e assim, tem nos seus equipamentos uma unidade de produção de biogás para necessidades energéticas mais elementares e um sistema de irrigação para as necessidades hídricas.

Nas inúmeras cartas de reconhecimento salienta-se a de museu da Fundação Oriente, Museu de Trabalho Michel Giacometi, da Fundação Oriente, Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, do Instituto Superior de Ciência de Trabalho e da Empresa e Ecomuseu Municipal de Seixal, bem como imensos testemunhos de apreço de personalidades goesas, indianas, europeias e americanas.

Por último uma palavra de admiração, simpatia e amizade ao seu fundador e curador Victor Hugo Gomes.

É através do trabalho e dedicação de pessoas como o Sr. Victor Hugo Gomes que fez deste museu o projecto da sua vida, que se cumpre a Goanidade.

Museu de Arte Cristã

O Museu de Arte Cristã, o primeiro e único na Asia, foi fundado em 1994. Inicialmente localizado no seminário de Rachol foi posteriormente transferido para o restaurado Convento de Santa Mónica na Velha Cidade de Goa, considerado como património de grande interesse histórico e arquitetónico.

A fundação deste museu deve-se à assistência técnica e financeira da Fundação Calouste Gulbenkian e da Indian National Trust for Art and Cultural Heritage (INTACH) de Nova Delhi, India.

O seu acervo inclui uma colecção importante e única de objectos de arte Cristã em marfim, oiro e prata, madeira e tecido que engloba um período compreendido entre os séculos 16 e 20.

Museu de Arte Sacra - Púlpito indo-português

É reconhecido internacionalmente como uma expressão de simbiose perfeita de manifestações culturais da Índia e Portugal.

Para além dos visitantes o seu espólio tem sido objecto de investigação de inúmeros investigadores de todo o mundo e alguns dos objectos expostos têm tido grande procura para exposições internacionais por esse mundo fora como foi o caso de:

St. Francis Xavier – His life and Times que teve lugar durante 6 meses em 6 prefeituras no Japão em 1999.

Passage to Asia – 25 centuries of cultural exchange between Asia and Europe – que teve lugar durante 5 meses, em Bruxelas, em 2010, coincidindo com a 8ª Cimeira da Asia-Europe Meeting (ASEM).

Treasure Ships: Arts in the Age of Spices realizada entre Junho de 2015 e Janeiro de 2016, na Austrália pela Art Gallery de South e Western Australia.

O museu encontra-se neste momento numa fase de reabilitação para estar de acordo com as mais modernas normas e protocolos de museologia, com o propósito de preservar para a posteridade a colecção do espólio Indo-Português.

Os objectos estarão expostos de acordo com a tipologia de esculturas em madeira e marfim, pintura e mobiliário, metais preciosos e têxteis, preferencialmente de acordo com a ordem cronológica. O intuito é facilitar a interpretação da evolução da produção artística.

A exposição das peças teve em consideração a qualidade e a resistência dos materiais envolvidos em relação as condições climáticas da região. Também a segurança dos objectos obedeceu aos mais altos padrões recomendados internacionalmente.

Como escrevemos no início deste texto, na nossa apreciação, estes dois museus devem fazer parte integrante do itinerário dos que visitam a Pérola do Oriente – quer sejam os filhos da terra quando regressam de férias quer qualquer visitante que queira conhecer as gentes, o povo e a história e, consequentemente a cultura de Goa.

ABADE FARIA

1756-1819

Francisco da Purificação Monteiro

José Custódio Faria mais conhecido por Abade Faria, filho do Caetano Valeriano Faria e Maria de Sousa, nasceu a 30 de Maio de 1756 em Candolim, concelho de Bardez, distrito de Goa antigo Estado da Índia.

Aos 15 anos de idade saiu de Goa acompanhado de seu pai com destino a Lisboa, onde chegou a 23 de Novembro de 1771. Passado pouco tempo seguiu para Roma, a fim de estudar no Colégio da Propaganda Fide (Congregação para a Evangelização dos Povos).

Em 12 de Março de 1780 foi ordenado presbítero; posteriormente, doutorou-se em Filosofia e Teologia pela Universidade de Roma.

Regressou a Portugal, onde, pela sua inteligência, saber e compostura moral chegou a conquistar grande fama de pregador.

Em 1788 emigra para Paris, fixando a sua residência na Rua de Ponceau; com o seu carácter irrequieto passa em 1795 a ser "leader" de um dos batalhões revolucionários, comandando uma das secções do tristemente célebre "10 do Vendimario", que atacou a convenção e em cuja queda tomou parte activa.

Como corolário do seu envolvimento na revolução, conseguiu ter relações com altas personalidades políticas, frequentando com Chateaubriand, os salões de Madame la Marquise de Coustine, amigo do Marquês de Puységur a quem dedicou o seu livro sobre as "Causas do Sono Lúcido".

Em 1811 foi nomeado Professor de Filosofia da Universidade de França e eleito sócio da Societé Medicale de Marseille, ou seja, membro da Academia de Medicina, sem nunca ter sido médico.

Em 1813 Abade Faria, que era discípulo de Jacques de Chastenet de Puységur, soube que a divulgação de sonambulismo tinha crescido de importância; e regressa então de Marselha a Paris, onde prega uma doutrina nova − o Hipnotismo − que contribui para a aumentar sua notoriedade; ganha uma aura auspiciosa, mostrando ser um rival de Franz Mesmer, o primeiro a descrever o magnetismo animal, e dá início as suas práticas magnéticas.

Apesar de apodado de charlatão por uns, de possuir poderes divinos por outros, supondo-o as autoridades religiosas que ele está em pacto com o diabo, chega a revolucionar academias e agitar durante muitos anos outros centros científicos e as doutrinas teológicas.

Com a sua obra "Da Causa do Sono Lúcido no Estudo da Natureza do Homem", publicada em Paris em 1819, provoca intermináveis polémicas.

Mas o certo é que, rapidamente a fama do criador do hipnotismo vai crescendo, tornando-se na cidade de Paris, o alvo de atenção de todos.

Foi ele o primeiro no mundo científico que defendeu a verdadeira doutrina sobre a interpretação dos fenómenos sonâmbulos, chegando a hipnotizar quase cinco mil pessoas. Escritores famosos de França, Bélgica, Portugal e Alemanha reconheceram o Abade Faria como o "Pai da Escola de Nancy".

Por causas não esclarecidas, foi preso e encarcerado no Castelo do If, onde Alexandre Dumas (pai) o foi buscar para a imortalidade.

Pobre e abandonado, quando ainda se encontrava em impressão o primeiro volume da sua célebre obra, faleceu duma apoplexia fulminante em Paris no dia 20 de Setembro de 1819.

Abade Faria distinguiu-se como pregador, teólogo, físico e magnetizador, ou seja, o fundador da ciência de hipnotismo, o primeiro a proclamar a doutrina de sugestão na hipnose.

Abade Faria é um nome glorioso que se evoca em todos os centros de cultura do mundo, podendo dizer-se que não há indivíduo suficientemente ilustrado que o desconheça.

Monumento a Abade Faria em Pangim

O Professor Bernheim, um dos estudiosos consagrados à causa do hipnotismo, referindo-se ao Abade Faria dizia: "A Faria pertence o incontestável mérito de ter estabelecido em primeiro lugar a doutrina e o método do hipnotismo pela sugestão e de tê-lo nitidamente libertado das doutrinas singulares e inúteis que ocultavam a verdade. É na realidade, quem deu, antes de todos a concepção nítida e verdadeira dos fenómenos de hipnotismo.

Noget dizia a respeito de Abade Faria: "Encontrava-se em Paris um homem que fazia publicamente a experiência de sonambulismo. Em cada dia (isto em 1815) reunia em sua casa umas 60 pessoas e era raro que entre estas, não se encontrassem cinco ou seis susceptíveis de entrar em sonambulismo. Não se esquecia de declarar abertamente que não possuía nenhum segredo, nenhum poder extraordinário, tudo o que obtinha dependia da vontade das pessoas sobre as quais actuava.

Abade Faria foi muito popularizado e imortalizado pelo grande escritor francês Alexandre Dumas no seu conhecido romance "O Conde de Monte Cristo"; existe também um importante estudo sobre a vida de Abade Faria intitulado "Padre Faria na História do Hipnotismo, 1925" da autoria do eminente Professor Dr. Egas Moniz (prémio Nobel de Medicina juntamente com Walter Hess, em 1949).

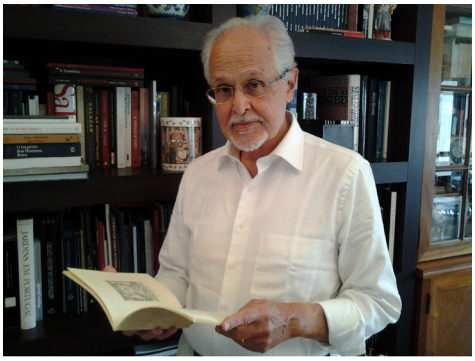
Na cidade de Pangim, capital de Goa, ao lado do histórico Palácio do Hidalcão e tendo como pano de fundo o nosso encantador rio Mandovi, existe um sugestivo monumento homenageando este grande vulto da nossa história. Também a Câmara Municipal de Salcete (Margão) homenageou-o dando o seu nome a uma das ruas da cidade de Margão.

O governo geral de Goa não ficou indiferente em relação ao Abade Faria e deu o seu nome ao Hospital Psiquiátrico no Altinho (Pangim). Em várias cidades e vilas de Portugal, com maior realce para as cidades de Lisboa e Porto o nome de Abade Faria consta da toponímia.

Bibliografia
Goa Terra Indo Portuguesa, Rodrigo Wlfgando Robusto, 1953
Goa - Yesterday – Tomorrow, A. D. Furtado, 1981
Eminent Goans, Goa Cultural & Social Centre, Panjim – Goa
Notícias do Estado da Índia

Para repensar a Goanidade no contexto de problemáticas globais deficientemente definidas. Desafios presentes e futuros

Henrique Machado Jorge



A 26 de Junho 2019 teve lugar, no Auditório da Casa de Goa, a Sessão de Encerramento da Série de Palestras «Círculo de Releitura», estruturada em Painel, Debate e Convívio. O enquadramento temático da Sessão foi, a priori, formulado nos seguintes termos: «Quando as maiores Nações europeias – Alemanha, França, Reino Unido – atravessam, no mínimo, situações internas de ausência de liderança congregadora; quando populismos de distintos matizes se acantonaram de Itália a Hungria e manchas do Leste europeu; quando a maior economia e potência mundial está subjugada a uma psicopatia delirante; quando China e Rússia se esforçam denodadamente para erigir as respectivas visões de "pax global"; fará sentido olhar a Goanidade meramente numa perspectiva de respeitosa celebração de pretéritos valores? Como "desmistificar" consagradas leituras, superficiais e míopes, de dinâmicas mundiais em afirmação e alertar para factores determinantes como a falência da pós-modernidade, o crescente, transbordante, "ressentimento" social em muito do globo e fazer compreender o risco letal da ressurgência de nacionalismos retrógrados? Não se trata de imersão em exercícios de prospectiva geo-estratégica, mas da instante necessidade de desvelar uma realidade que meios de comunicação social e uma multiplicidade de supostos "bem-pensantes" persistentemente subavaliam e desvirtuam, seja por incapacidade analítica ou interesses investidos. Se não se "remar contra a maré", como esperar que, quer as gerações mais jovens, quer as de maior capacidade de actuação imediata, possam apostar na criação e exploração de alternativas viáveis? Simultaneamente, poderá a Goanidade, se re-contextualizada prospectivamente, converter-se em exemplo factual das virtualidades do pluriculturalismo, logo, num objectivo instrumento de combate a apostas em nacionalismos reaccionários?»

O Painel compreendeu os Coordenadores da Série, António Faria e Henrique Machado Jorge, e, como convidados, os sócios Ana Valles, Daniel Vaz, José Filipe Monteiro e Maria Virgínia Brás Gomes. Cada membro do Painel foi convidado a fazer uma breve apresentação de um tópico de índole estratégica, de sua escolha, precedendo a abertura da discussão à assistência. A distribuição desses tópicos foi a seguinte: «Estaremos a estabelecer uma saudável relação entre ser humano e Natureza?» (AV); «Ressentimento e mitos» (AF); «Tecnologias digitais. Promessas e riscos» (DV); «Hiper-especialização médica: prioridade ao ataque à doença e/ou aposta no bem-estar do doente?» (JFM); «Migrantes: acrescido risco para a segurança colectiva de países de acolhimento?» (VBG).

Da discussão alimentada pela assistência sobreveio aparente consenso de que análises pluri-facetadas – como as que empreendidas nesta Sessão, ainda que em moldes de intencional limitação de tempo atribuído a cada membro do Painel – deveriam ser continuadas no futuro. Certamente, questão a retomar na temporada 2019/20.

Exmo. Sr. Presidente da Casa de Goa

A propósito da sessão na Casa de Goa para a apresentação do livro "Nas garras do destino"

Similes cum similibus facile congregantur ("Semelhantes com semelhantes se congregam facilmente"). Era essa frase em latim que um jovem estudante liceal tinha de repetir, de vez em quando, numa peça de teatro levada a efeito no Liceu Nacional, em Pangim, no ano de 1960 (por acaso, esse jovem era eu, mesmo sabendo pouco do latim).*

Similes cum similibus ... Que similitude ou fator de congregação havia entre um distinto médico cardiologista dos EUA, feito romancista nessa sessão (Dr. António Gomes), e um ilustre jurisconsulto da União Europeia, feito comentador literário (Dr. Fausto de Quadros) - tão distantes entre si geograficamente, tao afastados profissionalmente e, certamente, tão diferentes em personalidade? E entre todos os presentes que enchiam o salão da Casa de Goa nesse dia?

A resposta pode ser apenas uma: a goanidade, a alma goesa no que tem de apego à cultura e às tradições culturais da sua mátria goana. E a oportunidade de escutar e aplaudir quem a dignifica. A cativante atuação do Grupo Suriá veio reforçar esse sentimento, quer pelo seu conjunto musical tocando partituras de música goesa, quer pelo seu grupo coral entoando as canções da nossa nostalgia. E que culminou com o "hino" da diáspora goana: Adeus korchea vellar". Bem hajam.

Os meus parabéns ao Dr António Gomes por este romance, que fazia falta na literatura goesa moderna em português. Não o será tanto assim na literatura goesa em inglês e em concanim, pois Goa tem sido fértil em publicações nessas línguas, tanto em Goa como fora dela (Goa bem poderia constar no Guinness Book of Records como tendo o mais alto índice de publicações literárias, técnico-científicas e outras por habitante, incluindo os da diáspora).

E agradeço à Casa de Goa por nos proporcionar regularmente esses momentos congregantes.

José Venâncio Machado

**Estou grato ao Dr Leopoldo da Rocha por me ter esclarecido que tanto se pode usar a palavra "símiles" (nominativo do plural), como "similis" (nominativo do singular), sendo preferível o "símiles". E por me ter recordado o equivalente em inglês daquela expressão: "birds of the same feather flock together".*

Sobre o livro Raízes Da Minha Terra,
do Prof. Doutor Valentino Viegas.

As surpresas surgem quando menos se espera – por isso mesmo são surpresas – e foi o caso quando li o livro RAÍZES DA MINHA TERRA, do meu amigo Valentino Viegas.

O facto de já conhecer outras obras suas só veio acrescentar mais surpresa, pois de há muito lhe admiro o estilo descritivo, tão vivo que põe o leitor dentro da acção ainda que os factos remontem a vários séculos de distância, sempre no respeito pela verdade, um respeito próprio do rigoroso historiador que ele é. Habituei-me a esse estilo, às vezes falado na cumplicidade de outras letras e de uma amizade caldeada em eu também ter ascendência goesa, de termos sido combatentes em Angola, vindo ele de Goa e eu de Lisboa, na assunção de um dever que só foi contestado por quem o não sentiu, quanto mais não fosse o de não deixar abandonadas à triste sorte de um genocídio anunciado as pessoas que lá viviam. Mas o Valentino até já tinha passado por uma invasão do território onde nascera e onde tinha a família, não teve dúvidas, combateu quem nos atacou e até foi condecorado por acções em combate.

Onde está, então, a surpresa? Está no hábito deste seu leitor ter estado confinado, até certa altura, aos trabalhos de índole histórica. Eis que, de repente, me vem às mãos RAÍZES DA MINHA TERRA. E o historiador revela-se um escritor multifacetado, ágil, versátil, mudando o registo da linguagem consoante trata de reflexões pessoais, de recordações da infância, de doutrinação social. De alguma História, evidentemente. Então se me revelou o crítico, o cronista, o professor, o filósofo, o humanista. E nessa diversidade, sempre, um já raro respeito e rigoroso culto da Língua Portuguesa. Numa palavra, um surpreendente Escritor, com vincada maiúscula.

Se o êxito de quem pratica alguma forma de arte é o prazer que provoca no seu público, o escritor está condenado a não ouvir aplausos, porque trabalha isolado, silencioso, sem plateias. Mas porque quero que oiça as minhas palmas, daqui tas envio, meu caro Valentino Viegas, agradecendo o prazer que me provocou a leitura de RAÍZES DA MINHA TERRA. Dessa terra que continua a ser de todos nós.

Daniel Gouveia

Sobre o livro Raízes da Minha Terra
de Valentino Viegas por Rui Cabral Telo

Ter conhecido Valentino Viegas foi uma mais-valia. Primeiro porque arranjei um amigo, depois porque os seus livros foram e são uma óptima fonte de cultura. Valentino Viegas é não só um historiador, mas também um óptimo escritor que além de escrever sobre o seu mister, escreve também sobre a sua própria vivência quer na terra onde nasceu, Goa, quer em Angola onde combateu e foi condecorado com uma cruz de guerra, quer romanceando, não só factos históricos, mas também vivências em quase todos os lugares por onde andou.

Raízes da Minha Terra, surpreendeu-me pela mudança de estilo e de forma. Neste livro de memórias, Valentino coloca na forma, um sentimento só possível a quem ama a terra onde nasceu e viveu infância e adolescência, com alguma nostalgia pelo afastamento a que se viu forçado. Mas foram as evocações de amizade pura a muitos dos seus conterrâneos que mais me sensibilizaram pelo sentimento expresso. "Carta aberta a meu amigo Eurico" é um hino de amor fraterno que me deixou com pele de galinha. É uma carta a título póstumo. Gostaria de ser crente para poder julgar que aquele seu amigo chegou a "ler" aquela carta. Uma amizade, descrita assim, entra-nos no ser e faz-nos reacreditar na humanidade.

Valentino, neste livro, volta a temas que já tratou em livros anteriores, mas pela forma como os descreve envolve-nos de tal modo que nos sentimos como se com ele tivéssemos vivido aquelas experiências. Eu, que na minha deslocação para Timor em 1959 tive o privilégio de ter permanecido sete dias em Goa, tendo-me apaixonado por aqueles exóticos e maravilhosos lugares, senti verdadeiramente as palavras de Valentino. Pela sua amizade e pelo meu pouco conhecimento, mas sentido, daquelas terras, fiz-me sócio da Casa de Goa.

Raízes da minha Terra é um livro belo e uma fonte de conhecimento. Merece ser lido com muito carinho pois foi também com muito carinho que Valentino o escreveu.

Obrigado Valentino.

Lisboa, 23 de Outubro de 2019

Rui Cabral Telo

LANÇAMENTO DOS LIVROS "CASTILHO DE NORONHA: POR DEUS E PELO PAÍS" E "GOA TAL COMO A CONHECI"

No dia 14 de Julho a Casa de Goa teve a honra de acolher a apresentação de dois livros de autores filhos de Goa.
O primeiro livro "Castilho de Noronha: por Deus e pelo País", é da autoria de Óscar de Noronha, professor universitário, jornalista, autor e coeditor de várias obras. Foram oradores o Professor Narana Coissoró e Sávio de Noronha, irmão do autor.
O segundo livro "Goa tal como a conheci", é da autoria de Fernando de Noronha, que pertenceu ao Quadro da Administração Civil e Polícia Judiciária de Goa, sendo sobrinho do Monsenhor Castilho de Noronha e pai de Óscar de Noronha. Foi orador o Professor Victor Baptista.
Seguiu-se um pequeno apontamento musical pela fadista goesa Nádia Rebelo, tendo a cerimónia terminado com um pequeno beberete.

CÍRCULO DE RELEITURA

Sob o tema "Para repensar a Goanidade no contexto de problemáticas globais deficientemente definidas. Desafios presentes e futuros" realizou-se a Sessão de 28 de junho constituído em painel com os Coordenadores de Série António Faria e Henrique Machado Jorge e os convidados Ana Valles, David Vaz, José Filipe Monteiro e Virgínia Brás Gomes.

Cada membro do painel fez uma breve apresentação sobre um tópico de índole estratégica de sua escolha, seguida de discussão pela assistência. A Sessão terminou com um Convívio, que foi uma excelente oportunidade gustativa e de socialização.

SARDINHADA

Em 13 de Julho decorreu na Esplanada da Casa de Goa, como tem sido tradição, a Sardinhada de Verão. Foi muito bem servido e houve animado convívio ao som dos Night Stars. Contagiados com a música, os convivas não resistiram a um pezinho de dança e a uma marchazinha para fazer jus à quadra dos Santos Populares.

COMEMORAÇÃO DO DIA DA INDEPENDÊNCIA DA ÍNDIA

Como habitualmente, a 15 de agosto a Casa de Goa marcou presença nas comemorações do Dia da Independência na residência oficial da Senhora Embaixadora.

LANÇAMENTO DO LIVRO "RAÍZES DA MINHA TERRA"

Perante duas salas do auditório da Casa de Goa, repletas de participantes atentos e entusiastas, Valentino Viegas iniciou a sua intervenção com diversos agradecimentos, entre outros à Edna Pereira, Maria Barroso, António Limpo, Manuel Valado, Rui Alves, Maria José Meira, Suryá, José Rodrigues, Ana Paula Guerra e a Vasco Soares da Veiga, como Presidente da Direcção da Casa de Goa, por ter apresentado o livro Raízes da Minha Terra e por se ter oferecido para apoiar a sua publicação.
Depois de fazer um agradecimento aos presentes e a todos quantos o têm honrado comparecendo aos lançamentos dos seus livros e trazendo amigos disse: «não imaginam quanto isso me ajuda, tonifica e incentiva para enfrentar novos desafios. Muitíssimo obrigado a todos».
Tendo afirmado que a obra nasceu por sugestão dos leitores, acrescentou: «parte de mim mesmo, da Casa de Goa, do meu pensamento social e político está no livro. É meu, não pretendo impor a ninguém, foi expresso livremente sem preocupações de agradar terceiros».
Agradeceu também aos críticos, graças aos quais disse que fazia alterações, quando concordava, ou reiterava e reforçava a propriedade dos seus critérios analíticos e metodológicos, quando discordava.
A sessão foi encerrada com a actuação do Suryá, seguida de beberete.

LANÇAMENTO DO LIVRO "NAS GARRAS DO DESTINO"

Decorreu no dia 23 de Setembro, na Casa de Goa, o lançamento do livro "Nas garras do destino" da autoria de António Gomes. O autor foi apresentado pelo Dr. Caetano Gracias e a obra pelo Professor de Direito Fausto Quadros, ambos amigos do autor.

A seguir à apresentação houve um breve apontamento musical pelo Grupo de Canto e Danças "Surya", seguido de um beberete.

António Gomes é Cardiologista e Professor de Medicina (Cardiologia) da Faculdade de Medicina Mount Sinai da Universidade de Nova York e Diretor dos Serviços de Cardiologia e Consultor Sénior de Eletrofisiologia Cardíaca no Instituto Cardiovascular Zena e Michael A. Wiener, do Mount Sinai Medical Center, em Nova York.

A par da prestigiada e longa carreira médica, é autor de vários poemas publicados em antologias, livros e revistas.

COMEMORAÇÕES DO 150.º ANIVERSÁRIO DE GANDHI NA ALAMEDA AFONSO HENRIQUES

Em Setembro no contexto das comemorações do 150º aniversário de Gandhi estivemos presentes na Alameda Afonso Henriques com danças tradicionais de Goa e também com o jogo de Carrom

COMEMORAÇÕES DO 150.º ANIVERSÁRIO DE GANDHI NA COMUNIDADE HINDU DE PORTUGAL

A 2 de outubro na Comunidade Hindu de Portugal participámos na receção/espectáculo onde duas crianças nossas integraram a homenagem em palco com a seguinte frase de Mahatma Gandhi: "A força não vem da capacidade física, vem de uma vontade indomável"

ALMOÇO SOLIDÁRIO: PADRE SEFRON GRACIAS

Em 26 de Outubro a Casa de Goa associou-se ao almoço solidário decorrido na sua sede, promovido pelos Rev. Padre António Colimão e Avito Sousa, a favor do jovem Padre Goês Selfron Manuel Gracias. O Padre Gracias frequenta a Universidade Católica Portuguesa em Lisboa (cerca de 3 anos), centrando-se no Estudo da História da Igreja no "Mundo Português". O Almoço Convívio destinou-se a auxiliar a sua estadia e os estudos em Portugal. Houve animação musical por Mário Ferreira, Zeca Rodrigues e outros convivas.

ACTUAÇÕES DO GRUPO EKVAT

No período de Maio a Novembro o Grupo EKVAT completo (instrumentistas, coro e dançarinos) realizou um espetáculo na UCCLA, no dia 17 de Novembro e participou em várias iniciativas. Em Junho, esteve nas XXIV Pomonas Camonianas, em Constância e nos Recreios Desportivos da Caparica, coletividade que promoveu uma noite dedicada à Índia. Em Outubro, participou na Bienal das Artes de Coruche e em Novembro, no Casino Estoril, nas comemorações da Tomada da Bastilha, a convite da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, entidade com a qual a Casa de Goa tem um protocolo de colaboração desde Março de 2002.

Neste período os jovens dançarinos do EKVAT receberam vários convites e organizaram-se para poder responder a todos. Em Maio, estiveram presentes na UCCLA / 1º Mercado da Língua Portuguesa, no II Encontro de Culturas Poéticas Lusófonas e na peça teatral "The King and I". Em Setembro, participaram no Festival Intercultural da Caparica, no Festival Semana Mahatma Gandhi e no Unitygate/ V Edição do Festival Palco do Mundo.

MISSA EM HONRA DE SÃO FRANCISCO XAVIER

No dia 3 de Dezembro teve lugar na Igreja de São Roque, a celebração da Santa Missa em Honra de São Francisco Xavier, Padroeiro do Oriente. A missa foi presidida pelo novo reitor, Rev. Padre António Júlio Trigueiros. O relicário e a relíquia estiveram expostos no altar-mor.

Considerando a celebração, neste ano, do 4º centenário da beatificação de São Francisco Xavier, houve a possibilidade de visita guiada à sacristia (pinturas de André Reinoso alusivas à vida de S. Francisco Xavier).

Esteve à venda na entrada da Igreja um CD de música religiosa, em konkani e português, gravado pelo grupo Ekvat que, como habitualmente, cantou durante a Missa. O peditório reverteu para uma instituição em Diu.

FESTA DE NATAL

A Casa de Goa organiza no dia 21 de Dezembro a Festa de Natal para Seniores e Crianças. Será servido um lanche e a animação cultural estará a cargo de Carlos, André, Artur e Isabel Dias.

REVEILLON 2019-2020

A Casa de Goa organiza na Quinta dos Gafanhotos, em Carcavelos, a passagem do ano 2019-2020. O Reveillon tem garantida uma excelente ementa e a animação musical abrilhantada por Raimundo Teixeira e Miranda, acompanhado por Agnelo Mendes. Espera-se um baile animado, entre passas e champanhe e uma entrada no Novo Ano com o pé direito.

Réveillon 2019 2020
Venha divertir-se connosco...
Solte a sua energia...
INSCRIÇÕES:
Até 6/Dez, 75 passas
Até 20/Dez, 80 passas (condicionado ao nº de vagas existentes)
Crianças dos 4 aos 8 anos inclusivé, 50%
Crianças até aos 3 anos inclusivé, entrada livre
Inscrições válidas somente após a transferência para o NIB/IBAN:
PT50.0033.0000.4521.8642.194.05
(CASA DE GOA)
O comprovativo deverá ser enviado com o nome do(s) inscrito(s) para um dos seguintes contactos:
casadegoa@sapo.pt ou WhatsApp Tlm. 915 057 477.
O prazo de inscrições termina a 20 de Dezembro de 2019, impreterivelmente, sendo o número máximo de 200 pessoas.
QUINTA DOS GAFANHOTOS
Rua Qta. dos Gafanhotos, Nº 173
2775-734 Carcavelos
30º 42m 22s N, 9º20m 09s W
31 Dez / 20h00
NB: Os interessados em formarem grupos deverão previamente indicar o nome da pessoa responsável pelo mesmo e respectivos elementos. As mesas serão de 11 pessoas.
Ementa
20h00 - Aperitivos/Entradas
Martini, Porto, Gin, Vinho Branco e Tinto, Sumo de Laranja e Refrigerantes.
Miniaturas de Croquetes, Coxinhas de Galinha, Pastéis de Bacalhau, Rissóis de Camarão, Chamuças, Folhadinhos de Linguiça e Pastéis.
Animação Musical
21h00 - Jantar
Creme de Alho Francês
Aveludado de Bacalhau com Espinafres e Camarão
Arroz de Pato à Moda Antiga
Cheesecake de Frutos Vermelhos
Vinho Tinto, Branco, Sumos, Água, Café, Chá, Infusões e Digestivos.
Raimundo Teixeira e Miranda,
acompanhado por Agnelo Mendes
23h00 - Buffet de Doces e Frutas
Bolos Variados, Mousse, Pudim, Tarte, Sonhos, Torta, Fruta da Época Laminadas e Salada de Frutas.
00h00 - Passagem do Ano
Champanhe, Passas e Bolo do Fim-Do-Ano
2h30m - Ceia
Caldo Verde, Mesa Queijos (nacionais e internacionais), e Carnes Frias
casadegoa.org
casadegoa@sapo.pt
21 393 00 78
915 057 477